

MAIO

Maio de 1916



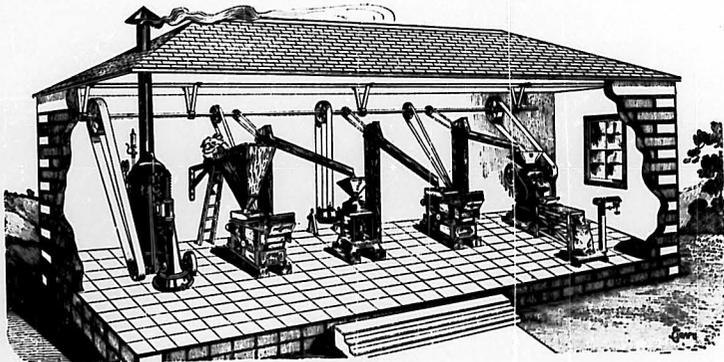
Revista
Feminina

Anno 3
Nº 24

ARROZ

As afamadas machinas ENGELBERG, fabricadas nos E. U. da America do Norte. não tem rivais em durabilidade, economia e perfeição no trabalho.

Levam diversas peças sobressalentes para substituir as que se vão gastando de anno para anno. de maneira que por diversos annos conservam-se em perfeito estado de funcionamento. São as machinas mais modernas e aperfeiçoadas, e nada lhes falta para um beneficiamento de arroz verdadeiro modelo.



FORNECEMOS INSTALAÇÕES COMPLETAS para arroz, de qualquer capacidade, desde 5 até 1000 saccos de Arroz limpo por dia. As machinas de arroz ENGELBERG americanas são as unicas que beneficiam o arroz sem quebralo. Não comprem machinas de arroz sem primeiro verem as nossas, pois não temos competidores em **PREÇOS** nem na **QUALIDADE** do beneficio. Temos milhares de atestados de todos os Estados do Brazil sobre a superioridade e perfeito funcionamento das nossas machinas ENGELBERG americanas, e entre elles os seguintes:

Est. de TAYUVA, 15 de Fevereiro de 1916.
Amigos e Srs.

Com relação ao descascador e polidor de arroz ENGELBERG americano compreende-se declarando que no meu modo de entender é a unica machina que dá resultado lucrativo entre as tantas que conheço, pelos seguintes motivos:

- 1.º Custo relativamente barato;
 - 2.º Fácil manuseio;
 - 3.º Acessorios baratissimos;
 - 4.º Ocupar pequeno espaço;
 - 5.º Demandar pouca força;
 - 6.º Resistencia superior ás outras;
 - 7.º Produção diaria maior que qual-quer outra;
 - 8.º Beneficio igual;
- Trabalhei neste ramo durante 15 annos e portanto tenho obrigação de conhecer algo a respeito.

Ass. DOMINGOS T. NOGUEIRA

TAUBATE, 12 de Fevereiro 1916.
Amigos e Srs.

O seu descascador de arroz ENGELBERG americano n. 1, tem dado optimos resultados, produzindo a méz de 80 a 100 saccos de arroz limpo em 14 horas de trabalho. A prova disso é que comprei mais 2 do mesmo tipo, produzindo todos sem a 1000 saccos em 24 horas. O primeiro trabalho consecutivamente desde 21 de Abril de 1916, sem o menor concerto.

Se algum duvidar da minha affirmativa, ponha esta casa á disposição para se certificar na realidade.

Ass. ALFREDO DOS SANTOS

FARTITA, 12 de Fevereiro de 1916.
Amigos e Srs.

Quanto á machina de descascar e polir arroz ENGELBERG americana n. 3, que lires comprei ha 1 annos, estão plenamente satisfeitos, pois tenho beneficiado até 25 saccos de 100 litros por dia, trabalhando de sol a sol.

A machina beneficia o arroz com uma perfeição extraordinária, sem queimar o arroz nem deixar um só machucado, e assim como beneficia arroz bom com admiravel perfeição, beneficia outra qualidade desse grão.

Um sacco de arroz emersa de 100 litros, tem dado até 60 litros de arroz limpo, sendo isso uma grande vantagem, visto como o mesmo não acontece com as outras machinas.

Ass. NARCISO NICOLINI

Temos sempre em deposito as seguintes machinas para arroz: Descascadores, Descascadores e Polidores combinados, Esbruçadores, Polidores, Separadores, Ventiladores, Batedeiras, Ceifadeiras e Atadeiras, etc., etc.

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS A: **F. UPTON & CO.**

LARGO S. BENTO, 12 AV. RIO BRANCO, 18
SÃO PAULO RIO DE JANEIRO

ANNO III

SÃO PAULO, MAIO DE 1916

NUM. 24

PROPRIEDADE
DA EMPRESA
FEMININA
BRASILEIRA

Revista Feminina

DIRECTORA:
VIRGILINA DE
SOUZA SALLES
REDAÇÃO:
ALAMEDA ULETTE, 87

Preço para venda avulsa:
600 réis

ASSIG. ANNUAL PARA TODO O
BRASIL \$3000
TELEPHONE No. 6004

MAIO

MAIO abre-se numa rosa e fecha-se numa prece. E o aroma que das flores se evola, aos raios mitigados do sol do verão, que se extingue, sobe numa supplica humilde e mansa — como si a terra toda fosse uma só caçola — para ir morrer aos pés de Maria.

Mez das flores e mez de Maria, da rosa pulcherrima, que guardou na fecundidade a pureza virginal dos alvos lyrios. Maria! Quanta doçura, quanta misericórdia, quanta caridade, neste nome, modesto e simples, na synthese suprema que exprime!

Para nós, mulheres, Maria é o simbolo sublime de todas as virtudes de que é capaz o nosso sexo. A uma linda menina ouvi a seguinte resposta, a alguém que lhe perguntara si não preferia ser homem: — Gosto mais de ser mulher porque Nossa Senhora é mulher!

Todas nós deviamos assim pensar, porque Maria é a suprema perfeição e a suprema belleza, a perfeição immaculavel, que nasce do azul sereno do inacessivel e a belleza estellar que no azul sereno e inacessivel abre a floração da luz.

Ha o mundo. Ha no mundo o regato que morra; á brisa que sussurra. Ha a flor que dá perfume, ha o passarro que trina. Ha a lagrima; ha o riso...

Ha o odio enovelado das aguas bravas que rugem; ha o delirio da cachoeira, que se espantia de encontro ás pedras. Ha as paixões; ha os desregramentos do orgulho, ha o desvario dos sentidos...

Ha a lama que avilta as aguas claras, que nascem puras e limpidas. Ha os vícios que marçam as almas... Ha a floresta redolente e umbrosa; ha na floresta a fera que de um salto agredir, estraçalha e mata. Ha a doce confiança e a negra traição...

E em tudo, si é virtude, elle ha o vicio que de perto o segue. Mais alto, o mundo acaba. Começa o azul. E ha, pelo azul, ainda, as nuvens que ás vezes se acastellam e ha o tonitruo e ha o ribombo e ha o coriscar do raio que derriba e extingue. Mais alto ainda. Só a alma

sóbe. A luz violenta que cega, aos poucos se abandona. Os ruidos cessam. Os mundos distantes confundem-se. Ouve-se apenas o ciclo das preces, que sobem da caçola immensa das flores de maio.

A luz suave de um resplandor abre-se num arco-iris e os gemidos que vêm de longe, dos mundos, das pobres almas torturadas, enlanguescem na supplica, que saúda e implora: — Ave, Maria, cheia de graça...

A suavidade infinita que baixa dos olhos de Maria, encoraja e conforta:

— ... o Senhor é comvosco... Elle não pôde ser surdo aos vossos rogos. Uma palavra vossa, em meu favor e a sua misericórdia balxará até minha miseria...

— ... bendita sois entre as mulheres, porque bendito é o fructo do vosso ventre, oh virgem immaculada!

Tende piedade da minha pobre alma de mulher, porque fostes filha, porque fostes esposa, porque fostes mãe, porque sorristes e porque chorastes, junto á um berço e junto á um tumulo!...

— Santa Maria, mãe de Deus... Santa senhora minha, minha boa mãe, vale-me!

E durante o mez de Maio que é de Maria e durante os mezes todos, que todos são de Maria, porque todos são mais de soffreres que de alegrias, quantas mãos de mulher não se estendem supplices á Maria!

Na alcova luxuosa, de tons leves, de perfume discreto, de entre as rendas e as sedas, ou na agua furtada escura e desesperada, ha um só balbúcio, quando a alma feminina geme e soffre de amor:

— Ave-Maria! ... porque a alma feminina é uma só, pobre ou rica, mas sempre feita de amor e mysticismo, que um e outro em Maria se conjugam, no lindo symbolo da maternidade immaterial. Maria é a luz serenissima da almotolia caridosa que vela os infelizes e que si ás vezes, parece mui fracamente transverberar o seu manso clarão sobre as nossas dores, nunca no entanto por desatenta se apaga. De fraca que é, nella se esbatem nossas faltas, que Maria comprehende e perdôa na penumbra original da nossa essencia.

E' o balsamo que unge, é o cantico que adormece, é a estrella do mar e da terra, para qual se voltam

todas as almas que sangram, todos os olhos que choram e todos os corações de mulher, quando perdidos de amor, quando varados de dor... Sobre os cinzannos torturados como tristes olheiras, é a porta que se abre, para deixar entrar a visita alacre da luz que aquece e consola.

Rainha dos afflictos Maria attende a cada gemido, commove-se a cada lagrima. Da sua infinita bondade, como de um grande açafate de flores sempre frescas de viço e de perfume, tira Maria continuamente as graças que esparze sobre as nossas dores, como um doce orvalho, que antes de ser perdão já era bençã!

De todas as grandes virtudes femininas uma se exalta e se divinisa em Maria, a da maternidade sem macula.

E' porque Maria está sempre junto ao berço e junto ao coração das mães que soffrem. Ah, como ella comprehende todo o poema da maternidade, feito de sustos, de sorpresas, de carinho sempre apprehensivo!

E não ha mãe que ao debruçar-se sobre o berço de onde partiu um gemido, não a invoque na sua grande affeição:

— Minha Nossa Senhora! Maria! Morrem-se os ultimos pompas do sol. Despede-se o dia de suas lentejollas. Azas uflam nos ares; recolhem-se os passaros aos ninhos. Cessam aos poucos os ruidos. Correm mais brandos os regatos. Amaina a raiva das aguas immensas e o que antes rugia morre agora num gemido, sobre as areias brancas da praia. Todas as ancias lentamente se extinguem num longo suspiro.

A natureza parece immobilizar-se num momento de contrição. A treva começa... E a hora cór de cinza em que sobre as coisas e sobre as almas, paira um anhelado intraduzivel. E na compunção geral, na nevoa vaga, que precede o crepusculo, coagula-se o primeiro suspiro... Ouve-se um sí-maio!... E outro... E outro... Sinos de mto! Accendem-se as luzes junto aos altares. Reverberam os vitraes nas ogivas gótticas das egrejas. E outro... E outro... Sinos de maio...

E de toda a terra, mesmo da fumaça onde se acolta o crime, mesmo do antro onde o vicio impera, os joelhos dobram-se e as almas suspiram:

— Ave Maria, mãe de Deus!

Anna Rita Malheiras
(Revista Feminina de S. Paulo)

A ÚLTIMA BONECA



Achei a senhora Cormelles tão mudada, que a muito custo, pude reconhecê-la. No entanto, muito mais do que as suas feições, a sua conversação revelou-me uma creatura inteiramente diversa da que seis annos de ausencia me tinham apagado da memoria.

Fazia idéa de uma moça estouvada, cheia de puerilidades. Soubes que ella se casara e que, pouco depois, perdera uma filha de alguns mezes de idade. Na minha presença estava agora uma mulher austera e triste, que se empregava em praticar obras de caridade, pelos orphanatos e creches, renunciando á sociedade para dedicar-se á medicina e á hygiene, cuidar das crianças e distribuir esmolas, ao mesmo tempo que ministrava conselhos praticos. A tal ponto se entregava a essa tarefa, que as amigas riam-se della e lastimavam a sua ausencia nas rodas de palestra, onde a sua falta era consolada — ora falando-se mal, ora bem.

Quando me fiz annunciar, a senhora Cormelles estava muito occupada, juntamente com duas criadas de quarto, a apartar roupas brancas para os seus pobresinhos: casaquinhos, fraldas, e sapatinhos de criança. Também arranjava um vestido de boneca, já tendo acabado outros.

— Como está vendo, disse ella, gosto muito de vestir bonecas. Sinto prazer nisso, assim como o tenho em vestir os meus pequenos — os filhos dos outros, com os quaes talvez lhe contassem que me occupo demasiado... mas não tanto como quizera. Não esperava encontrar-me em semelhante tarefa?

— Pelo contrario, respondi-lhe, a sorrir. Não me causa admiração. Quando a Sra. Cormelles não passava da senhorita Margarida de Brenil, lembro-me de tê-la visto sempre ás voltas com as bonecas e conservo essa visão.

Fiquei impressionado com a expressão subitamente dolorida da moça, que empalidecera. Ella esboçou um sorriso indefinido e pronunciou estas palavras extranhas:

— Sim, sempre lidei com bonecas, mas não sabia cuidar dellas. Realmente! Eu era de uma infantilidade tão ridicula, que, ainda nas vespéras do meu casamento, não podia conformar-me com a idéa de não possuir-as mais. Caçoaram conmigo, como hoje o fazem, porque ainda as estimo. Presentemente, cuida mais é das vivas. Depois que perdi a minha ultima boneca... comeei a aprender.

Eu pensei na filha morta. Percebi que a Sra. Cormelles desejava fallar-me daquella criança. Despediu as

criadas e ficamos a sós. Então, um tanto febril, ella disse-me:

— O senhor é um velho amigo da casa. Sei que me acha muito mudada. Vou contar-lhe a razão por que aprendi a tratar das bonecas de carne, agora que só sei fazer bonecas de panno para as outras mulheres e para as outras crianças. Já deve ter tido noticia de que a minha pobre Luiza morreu nos dez mezes de idade, mas talvez não conheça as circumstancias em que se deu a morte. Morreu por minha culpa, devido á minha ignorancia e á minha ineptia. Morreu, sobretudo, por culpa da sociedade, por causa dos absurdos costumes do nosso meio. Mas, só vim a dar por isso quando já era muito tarde. E' preciso dizer-lhe tambem que minha mãe e meu marido nunca me perdoaram. E eu, quando me convenci da realidade das cousas, da responsabilidade que aos outros cabia nesta emergencia, longe de mendigar perdão, respondi á frieza com frieza igual, porque tambem accusava minha mãe e meu marido. Eram os responsaveis pelo meu erro, e talvez que muito mais do que eu mesma.

O senhor sabe quem era eu aos dezeseite annos. Conheceu-me... Uma mocinha sem discernimento algum, ociosa: toilettes, etiquetas, labias attenuadas pela pudicia provinciana, repertorio de palavras que é preciso repetir e quanto ao resto uma immensa região obscura e vedada, a região daquillo que uma moça deve ignorar. A minha alma ingenua não tinha defeitos, nem curiosidades; minha mãe não fazia muita questão de que eu fosse um tanto tola. Brincava com bonecas. Pôde-se dizer que isso era o symbolo de toda a minha existencia. Casaram-me. Humberto não me desagradava. Jurei-lhe fidelidade ante o altar. Como poderia eu comprehender a profundidade e o alcance de um compromisso cujo decóro exigia que o ignorasse em todos os seus detalhes? Porventura as minhas bonecas me tinham preparado para o amor moral? Sofri o outro amor com verdadeiro estuor para a minha alma, porque nunca suspeitára sequer o que elle fosse e, ou por indifferença physica, ou por obediencia passiva, certo é que a minha natureza sem precocidade, a a minha singeleza de espirito e a carencia de intuição juntaram-se para manter-me na ignorancia e na apathia. Sem aversão, mas tambem sem satisfação para mim, conheci o amor licito e convencional.

Casiei-me porque é de praxe todo mundo casar-se, até sem ser pelo prazer de fugir a um meio onde eu vivia muito trançuilla, sem perspicacias. Minha mãe escolhera-me um esposo rico, cortez, morigerado. E eu imaginava que era, assim que as demais moças se arranjavam. Mal me casei, fiquei grávida. Meu marido regosijou-se com o caso. E' um homem de principios, o primacial dos quaes consistia em ter uma prole numerosa. Fui logo investida de uma responsabilidade augusta, que me explicavam em termos bombasticos... mal se passaram tres mezes ao deixar de brincar com bonecas. Compreendi, vagamente, que ia mudar de boneca... ia ter uma para gente grande. Revestí-me de dignidade: era mãe com dezeseite annos!

Logo após o nascimento de minha filha me atormentaram a cabeça com uma multiplicidade de conselhos, cada qual mais contradictorio. Minha mãe e meu marido eram de opinião que eu me occupasse de tudo. E ahí virham os principios! A theoria de ambos consistia em: que a mulher encontra no proprio instincto a revelação de tudo aquillo que ignora, da mesma fórma por que as nossas avós disso se tinham desempenhado, graças aos seus proprios esforços. E que, quanto ao mais, Deus havia de ajudar. E' certo que, mais tarde, conheci mulheres do povo que já eram mães aos dezeseite annos tudo sabiam e comprehendiam, mas assim foram formadas pela miséria. Eu, uma pobre ricaça, anêmica e trapalhona, mal sabendo

preparar nma chavena de chá, não prestava para nada. Não ousei confessar a minha ignorancia. Como poderiam admittir que o meu instincto nunca me aconselhasse? Puzeram-se a gritar em altas vozes que não estimava minha filha e que ignorava quaes eram os meus deveres. Ora, eu gostava muito de minha filhinha, mas como se gosta de uma boneca. Tinha orgulho em fingir de mãe. Que poderia eu sentir de mais profundo?

Julgava que, pelo facto de ter fortuna, havia facilidade de achar-se quem se occupasse com todas essas cousas; que tudo correria bem; que, se as crianças pobres se criam por si mesmas, era muito mais facil criarem-se as ricas. E, além do que esforcei-me por comprehender. Mas confundiam-me com os « manuaes de uma joven mãe » de todas as procedencias... E eu cada vez mais atrapalhada ficava. Mesmo depois de casada, os termos medicos e as metaphoras pudicas sempre me dissimularam a inconveniente realidade. Resolveram, afinal, poupar-me o pudor, esconder-me tudo o que não fosse estritamente necessario a actos dictados pelo uso. Eu, no fim de contas, não passava de uma irresponsavel. Os methodos de minha mãe e de minhas amigas baralharam-me a pobre cabeça. Quanto a meu marido, depois de fazer-me algumas preleções, dirigiu-se aos clubs deixando-me o cuidado de prepararlhe uma herdela. No fundo era tão ignorante como eu.

Nestas condições foi que se deu o desastre! Tinha eu competencia para comprehender a mudança de gravidade na simples tosse de uma criança, enquanto me vestia para ir ao baile? O ataque de « croup » foi fulminante. Exigia um soccorro immediato, seguro, um golpe de vista infallivel, uma intuição de grande medico. Minha mãe estava no campo e meu marido ficara de vir buscar-me, quando estivesse prompta. Tinha apenas a companhia de uma criada de quarto muito azafamada, com a bocca cheia de alineies; uma estúpida que cahia de sono. Quando começamos a inquietar-nos, ainda perdemos muito tempo a experimentar diversos remedios; a tentar obter recursos nos meus livros, a consultar e a desorientar-me, reaciando o desapontamento de meu marido, se faltasse ao baile. Afinal, a criança começou a suffocar, de repente, e nós a desesperarmos. A criada correu a chamar o medico. Não o encontrou. Trouxe um outro, a quem nada soubera explicar e que não trouxera o serum. Quando foram buscal-o, já era tarde. Que hei-de eu dizer-lhe mais? Minha filhinha morreu ao romper da aurora, apesar dos esforços do medico que se incommodou com a minha incuria: « Mas a senhora devia ter pensado bem... Com effeito! » Parece-me estar ainda vendo aquelle homem bilioso, naquella manha sinistra, estendendo a magra mão para mim, ameaçadoramente. E eu a tremer, enfiada no meu vestido de baile, apavorada, em desvario, apatetada diante do medico a explicar-me com vehemencia, que tudo poderia ser feito, que a criança estaria salva, se eu tivesse comprehendido, previsto e disposto de um pouco de intuição. Meu marido estava de pé, na minha frente, como um juiz. Que mais teria feito esse mundano, se estivesse em meu logar? Então, á vista do pequeno cadaver, a loucura apoderou-se de mim. Debatí-me ao peso tremendo daquelle responsabilidade. Foi agitada por uma crise nervosa, que me deixou entre a colera e a dor. Disseram que amaldiçoei minha educação, minha mãe, meu marido, a absurda vida dos preconceitos, das pudicias, das mentiras que de mim fizeram uma tola, uma inerte. Disseram tambem que delirei, confundindo as minhas bonecas com minha filha, a... a ultima boneca! Tive uma febre cerebral e soffri um abato em todo o meu organismo, durante tres mezes.

A senhora Cormelles tomou folego. As lagrimas vieram aos olhos. Continuou:

— Curei-me. Quando me levantei, estava transformada. Sombria, silenciosa, indifferente, comeei a me-



... Meu marido estava de pé, na minha frente como um juiz...

ditar. Encarei a falsidade da minha existencia anterior. Surda ás amargas censuras da minha familia, puz-me a estudar a verdade em todas as coisas, em toda a sua nudez, por odio á illusão e ao sentimentalismo. E isso acabou por separar-me moralmente de minha mãe e de meu marido.

Fui muito longe. Ultrapassei até o afastamento que elles me inspiraram, por me terem educado falsamente, mentindo á sua verdadeira missão. Muito mais revoltada contra a minha consciencia inculca, do que com a perda da minha filha, quiz reformar, ou pelo menos tornar util a minha vida até então inutil.

Mocinha, que os preceitos atoleiram, esposa ignorante, mulher-criança promovida á tremenda dignidade de mãe, forçada a dar a vida antes de comprehender o que seria uma consciencia ou uma sensação, eu, por minha vez, não passava de uma dessas bonecas com as quaes brincava. E a morte da ultima marcava a morte da minha mocidade, da minha vida ficticia, da minha submissão. Decidi-me a estudar medicina, a cuidar dos filhos alheios. E agora posso tratar delles. Salvei de « croup » crianças muito mais felizes do que a minha Luizinha.

Hoje, poderia ser uma verdadeira mãe. Saberia sel-o, não com os manuaes e os conselhos, e sim com a experiencia, a lucidez de espirito. Poderia sel-o, agora... Mas, mas...

Calou-se, muito tremula. E pensei então que a desavença entre ella e o marido era um obstaculo ao grande desejo secreto de minha amiga. Pensando, porém, que essa desavença, não era irreparavel, disse-lhe com duçura:

— Minha pobre senhora. Não ha drama que não se attene em nossa memoria. Esse fel-a resuscitar de si mesma. Permitta que lhe diga que, um dia, é preciso aproveitar sua experiencia de maneira muito mais differente d'a que emprega com os filhos dos outros. Volte a ser mãe na reconciliação.

Então, a senhora Cormelles suspirou dolorosamente e, olhando-me com expressão calma mas deseperançaça, respondeu-me em voz debil:

— Comprehenda numa só phrase o tamanho do meu pesar. Muito tarde comprehendi o irreparavel. Os medicos mataram esse caro e ultimo desejo, dizendo-me que nunca mais, após o grande abalo, nunca mais devia ter filhos...

Edmundo Harancourt

UM MAÇO DE CARTAS

II

(Colaboração especial para a Revista Feminina)

VILLA JUREMA

Angela

QUEIXAS-TE de que não respondi ás tuas ultimas palavras; mas eu respondi! Algum accidente deve ter interceptado a minha carta pelo caminho. Quero crêr que ella ainda te chegue ás mãos.

Apesar da minha idade madura e de um certo peador para a vida, gem que o cansaço de tanta tarefa executada torna apreciavel e justificavel, fica certa de que não deixei nunca de responder ás cartas que recebo, e de expender nelas a minha opinião conscienciosa e franca sobre os assuntos em questão.

Este meu cuidado não é representativo de bondade, mas do habito adquirido na educação que recebi de minha mãe, cuja memoria evôco em todas as circunstancias graves de minha vida, como o melhor socorro para as suas duvidas e perigos.

Este culto pelos pais não é, vejo com imensa mágoa, praticado por toda a nossa gente, o que faz com que me pergunte a mim mesma de quem será a culpa: se das filhas, mal agradecidas, se dos pais, pouco affectuosos. Dada a proverbial tenura do coração brasileiro, concluo que a razão dessa attitudão se não desrespeitosa pelo menos quasi indifferente, provém menos do sentimento do que da educação, que é o verdadeiro farol dos homens nas tempestades da vida.

As excessivas condescendencias das mães que, um pouco por indolencia e outro pouco por mal entendida ternura, permittem aos filhos factas as liberdades; o desapeço dos pais comodistas, que deixam a cargo das esposas, quasi sempre ignorantes, todas as preocupações concernentes á formação do caráter e da intellectualidade desses mesmos filhos, concorrem para tornar estes desapegados e egoistas. Mal transpostos os umbrais da adolescencia, elles olham para os pais como para figuras de segundo plano. Se aludem ás suas pessoas, em vez de as designarem corretamente, carinhosamente, pelas insubstituiveis palavras — Meu Pai — Minha Mãe — dizem com brevidade sacudida: — o velho — a velha — e

não ha nos seus gestos — aquella doct-reverencia em que o respeito e o amor se misturam numa harmonia tão eloquente e tão significativa.

Aprecio que aja entre pais e filhos familiaridade e lhaneza. Que se tratem por tu embora, como bons amigos, mas que se sinta sempre entre elles a consideração, e aquelle extremo que se traduz em uns por contentimento, em outros por obediencia, em todos por — amor.

E' mais difficil saber ser bom filho do que ser bom pai; e por ser mais difficil é ainda mais belo. A natureza, que se encarrega de tornar a paternidade cuidadosa e abnegada, não dá ao amor filial o mesmo poder de sacrificio. E' que o primeiro — é um instinto animal; e o segundo — um sentimento natural mas engrandecido e elevado pela civilisação.

Olha ao redor de ti, e verás se não é assim! Na propria carta que me escreveste e a que estou respondendo, aludes a certos fatos que achas insignificantes e que têm aos meus olhos uma importancia enorme. Dizes que as filhas da Rosa respondem á Mãe com arrogancia, e que os filhos, podendo já fazê-lo, não auxiliam os pais... E conclues, para amenisar a censura, «que afinal elles não são máus.» Não serão máus, mas tambem não são bons. Quando a bondade é perfeita, o individuo, mesmo sem grande educação, trata, pelo menos seus pais, com respeito e cortezia. O descaso da educação é um dos mais dolorosos sintomas desta época, que me dá a impressão material de uma cega a tatear nas margens de um abismo...

Para que te não aconteça para o futuro qualquer dissabão semelhante aos muitos por que vés passarem certas pessoas, esmera-te na educação dos teus filhos. Já te tenho pedido muitas vezes que nem os abandones constantemente á vigilancia, sempre suspeita, das criadas, nem os tenhas constantemente sob o calor das tuas asas. Disfarça a tua vigilancia. Fál-os responsaveis de um pouco da liberdade que lhes dês, sem que deizes por isso de lhes seguir os movimentos, do melhor modo possivel, durante esses momentos de separação. O teu jardim é grande, deixa-os correr á vontade; e como o teu pomar é novo e as árvores de mediana altura, não te vés pôr debaixo delias quando os teus rapazes lá es-

tiverem a marinhar pelos galhos, incluindo-lhes pavor que lhes arrefoja a audacia dos movimentos.

Ao contrario: quando os vires quererem abandonar, por falta de coragem, qualquer obra já encetada, procura, desde que ella não seja prejudicial, convencê-os de que uma desistencia em certas circumstancias, representa uma covardia, e que um homem deve levar até ao fim, com honra e brilho, todas as empresas em que se mete. O que é preciso é saber ponderar com muita calma, juizo e com a maior justeza, os prós e os contras da aventura, antes de lhe dar a primeira investida.

Obrigado assim teus filhos a raciocinar, far-lhes-has vér que imprudencia é uma cousa e coragem é outra muito diversa. Ha quem confundida as duas deploravelmente, bem como tu confundes patriotismo com jacobinismo.

Ainda, a proposito disto, tens nesta tua ultima carta uma frase de uma tal arrogancia que não pude deixar de sorrir ao lê-la. Irritada contra teu cunhado, que só fala bem da Inglaterra, escreveste-me:

«Nós no Brazil não precisamos de nada!»

E se eu te dissesse, aqui muito á puridade, que precisamos pelo menos... de povo?

E's muito intelligente para que seja preciso explicar-te o sentido em que te falô. Não lamento que nos falte povo, na sua massa colectiva e material, capaz de encher todos os nossos Estados do Norte e do Sul, de vida, de trabalho e consequentemente de riqueza; o que acho que nos falta, de um modo a não deixar infelizmente nenhuma duvida, é o prestigio, a força, a consciencia da dignidade patriótica, que fazem ás vezes de um amontoado relativamente pequeno de individuos — um grande povo.

Com menos gente que a que temos nós poderíamos ser um povo maior. Como? Educando-nos, esclarecendo-nos; amando a justiça, a lealdade, tornando-nos disciplinados, amigos da lei, consciô dos nossos direitos e bons cumpridores dos nossos deveres.

E' nas doces mãos das mães como tu, que está a prosperidade e a ventura do Brazil de amanhã. Não te esqueças dessa tremenda responsabilidade e insinua nos teus filhos

todas as virtudes que os possam tornar bons cidadãos, chegada a hora em que a contribuição das suas idéas e da sua actividade devam pesar na balança do destino da patria.

Nenhum esforço bem intencionado se perde no mundo. Não será porém com palavras balofoas de patriotas nem sempre criteriosas, que farás com que teus filhos venham a amar sua terra e a servil-a de modo a eleva-la ao conceito universal... A exaltação gera perigos em que o ridiculo não é o menos grave. Não, minha querida; a tua grandiosidade precisa para ser cumprida com nobreza, de muita serenidade, muita ponderação, muita consciencia e tambem muita alegria — sem a qual as crianças não comprehendem nada!

Conta-lhes em historias divertidas casos historicos se assim quize-

res, e interessa-os sobretudo pela vida, e por todos os séres animados ou inanimados em que os seus lindos olhos pousarem. Quem compreende bem a vida não pôde deixar de ser bom, nem de ser justo. O que eu almejo, e aqui t'ô digo com absoluta sinceridade, é que, ao chegares á tua velhice, sintas coroar a tua beça branca a gloria de teres sido mãe providente e bôa conselheira, e de teres colhido, no respeito, no carinho e nos triumphos dos teus rapazes o doce fruto da sementeira em que agora te afadigas tanto!

Para concluir, citar-te-hei as palavras de um educador francez dr. Maurice de Fleury, com que estou de acôrdo; diz ele:

«Esforcemo-nos por não ser nem demasiadamente autoritarios nem demasiadamente ternos. Não devemos

tampouco exigir dos nossos filhos uma obediencia inintelligente e passiva, mas educal-os antes com uma disciplina que os faça desde cedo comprehender que devem ser responsáveis pelos seus actos e que devem velar, tanto quanto possivel, pela sua segurança e pela sua saúde. Aprenderão por meio dessa mesma disciplina a saber decidir e a serem activos, prudentes e desanuviados. Capacitemo-nos de que a educação não é a — arte de ensinar as crianças a uma submissão cega; mas a arte de as tornar homens livres e de saberem usar dignamente dessa liberdade.»

Escreve-me, eu abraço-te.

Branca.

(Para a Revista Feminina)

JULIA LOPES DE ALMEIDA.

Dr. J. J. de Carvalho

Um novo e scintillante espirito vem abrilhantar as paginas de nossa modesta Revista. O Dr. J. J. de Carvalho, que nos honra hoje com sua colaboração é um dos mais fulgurantes espiritos da nossa litteratura, ao mesmo tempo que é, com Luiz Pereira Barreto, uma das maiores mentalidades medicas de S. Paulo e uma das mais assombrosas erudições da nossa época, que é tão superficial e tão avessa ao estudo. Latinista apaixonado, hellenista de valor, o Dr. J. J. de Carvalho é um purista da nossa lingua. Sua phrase perfeita brilha como um raio de sol numa manhan limpida de primavera, ao lado do brilho artificial da intrujice dos francezinhos que dia a dia semeiam o joio, no trigal encantador de nossa linda lingua.

Seu espirito quasi genial, sua illustração variada e profunda, sua alma combativa e viril, têm conquistado uma verdadeira consagração popular para o seu nome, como medioco, como polemista, como prosador, como philosopho e ainda-mesmo aos 70 annos! — como um poeta de escola, de uma naturalidade encantadora!

E' um dos quarenta immortaes paulistas e entre os quarenta foi escolhido para secretario perpetuo da Academia Paulista de Letras, que como Academia Brasileira, forma o maior expoente da intellectualidade nacional.

Uma unica e qualquer das paginas do passado do Dr. J. J. de Car-

valho constitue um exemplo vivo de esforço, de tenacidade e de luta sempre victoriosa, pelo estudo, pelo talento e pelo trabalho e muitas delias estão assignaladas por medalhas e condecorações nacionaes e extrangeiras.

Sua obra, litteraria e scientifica, é uma das mais vastas e mais brilhantes do Brasil e como a de Luiz Pereira Barreto, a todos os ramos das sciencias e das artes ella alcançou, por uma maleabilidade prodigiosa da sua privilegiada cerebração. Em qualquer dos Paizes, nos quaes as locubrções de espirito seduzem mais que as victorias materiaes do mercantilismo, o nome do illustre medico e insigne escriptor, seria venerado como o de uma gloria nacional, ante a qual as gerações desfilam respeitosamente de chapéu na mão.

E nas poucas phrases que ahi ficam deixamos consignada a nossa admiração pelos meritos difficilmente eguaiveis de um dos nossos maiores espiritos.

O Dr. J. J. de Carvalho desde o inicio da publicação da nossa Revista nos tem afagado com seus applausos e já de ha muito nos promettia sua valiosa collaboração. O caracter especial de nossa publicação, que não pode comportar grandes e profundos trabalhos, não só pela exiguidade de espaço com que lutamos, como tambem pela necessidade de ser leve e accessivel a todos os espiritos, mereceu do nosso novo collaborador especial attenção e nada nos podia elle ofertar de mais adaptado ao nosso programma, do que os versos naturalis-

simos que sob o titulo *Testamento aberto* publicamos em outro lugar. Para elle chamamos a attenção das nossas leitoras, ao mesmo tempo que agradecemos ao eminente mestre a honra suprema que nos quiz conceder.

UM NOVO PREMIO

O enigma que sob o titulo *ceima publicamos* em nosso numero anterior, despertou muito interesse entre as nossas leitoras. A decifração é *Revista Feminina* o a primeira pessoa que nos enviou a decifração certa foi a senra. Celestina S. Silveira, desta Capital, que ganhou uma assignatura da Revista offerta pela nossa distincta collaboradora D. Altilia Pires do Campos. Enviaram-nos decifração certa mais as seguintes snras.:

Violeta Fonsaca, Uberaba, Minas — Mmo. Luiza Guimarães, Carmo, Estado do Rio — Luiza Guerra, Casa Henan — Franco Gaudulo de Souza Ferraz, Capital — Ilandi Gleroff, Mo-y-Guasá — Vitalina Novaes Costa, Capital — Isaura Junqueira, R. Preto — Edy Ayres, Capital — Maria A. de Andrade, Capital — Alina Pereira Craveiro, Santos — Amelia Velardo, S. Carlos — Hermilina do Campos Pereira, Capital — Albornina Miranda Rosa, Capital — Edith Vosques Arombery, Capital — Archusa Pedrosa do Calzans, Capital — R. do Souza, Capital — Gabriela da Costa Muehno, Capital — Francisca Laria de Costa, Capital — Maria Conceição Polixoto — Mme. Xavier Paes de Barros, Capital — A. Leitora Cutta, Capital — Guotidia G. Motta, Capital — Helena Almeida Prado, Capital — Maria Franca de Souza, Capital — Anna Alves Delmont, Campinas — Rachel do Campos, Tatuhy — Theobald P. Cruz, R. Preto — Lala Robinson de Mattos, R. Preto — Veridiana Torres Duarte Castro, Volta Grande, Minas — Maria José Manganoli, Curitiba — D. Schinny, Guarulós, Santos — Cecilia Almeida Sampaio, Pirambola — Alandina Bresser, Iguape — Luiza Ferreira Pacheco, Valinhos — Anna Vieira, Rosaria — Janny Lemo, Capital — Mariana da Cruz Silva, Estação Monteiro — D. Maria Valladão Eurquim Bebedouro — Maria Macedons dos Santos, Guaratinguetá — Luiza Rios Fones, Yocorunim — Esther Dias Hertling, Capital — Cecília Silva, Itararé — Anna Marques, Sortozinho — Alessina Alexandrina Brandão, S. Rita do Paranaíba, Minas — Narcelia Borges de Oliveira, V. Rio Claro, Eutropia, Corumbá, M. Grosso — Eponina Teixeira, Duhaes — Maria Bernadette de Leme, Capital — Sebastiana dos Santos, Campinas.

Quanto mais a noite avança, mais ellas parecem tomadas d'inquietação, e hesitam, tornam a vir, partem de novo enlaçadas, ou parecem ficar reflectindo onde encaminhar seus passos.

Mas vae que um pescador adormeceu na barca, sonhando que o mar lhe falava baixo, rolando as suas espumas...

E o pobre extendia os braços, dormindo: vinham bandos de *rixes* debruçar-se-lhe na barca, alvas e fluctuantes como as nevoas que o vento rasga nos cabeços dos montes, delicadas, ligeiras, para o coroarem d'algas. E uma d'essas era a rainha, tão bella que mais parecia divina, tão nova que antes se diria creança, com traços cor das areias enxutas, e olhos verdes, cuja penetração ia através dos mais cerrados nevoeiros. Só de a mirar o pescador entontecia, e tanto lhe quiz que começou de entristecer e não cantar ao sahir para o seu trabalho. — Que tem elle? Que não tem? Nenhum sabia dizer a razão daquella magua repentina. E todas as noites o pobre adormecia e vinha a rainha sorrir-lhe. Mas era extender os braços, escorregava ella por entre as demais, té que impellida pelo chapinar das barbatanas, a barca ia golpito em fóra, caminho d'uma gruta selvatica, tenebrosa, sem fundo, obrigada de detuças cruéis, onde bramia o mar n'uma orugação de demônios, fóra de horas. Já lentamente ia a madrugada descerrando uma cortina de gaze, entremettes que o pescador sentia o mar erguer a voz, e espumar de raiva á bocca do antro por onde o turbilhão de sombras regressava aos abyssos, lasso de marchar na noite, sem destino. N'aquelle ponto, sempre o pescador despertava... iam desaparecendo as ultimas fimbrias de tunicas, e a rainha era a derradeira a transpor os boqueiros da gruta, tanto amor lhe nascera no peito, que parecia dizer ao pescador:

— Vem commigo ao meu palacio d'estalactices cõr de saphira, onde são collossaes os diamantes, de portico em portico ha rozarios de perolas, e os leitõs são conchas mais finas que as azas das borboletas e as pétalas das rosas. Nas minhas estufas abrem-se as puras flores da belleza, sensitivas cor de luar do norte, de cujos estames gotejam esmeraldas; alos e fetos de perfumes exóticos: e os cysnes cantam toda a vida em lagos de ambar liquido, serenas e carpas d'oiro fazem cortejo de roda da minha gondola, tirada por polvos de grandes tentáculos, e passarás em cortejo pelos canaes da minha capital, Babilonia submersa, de que ainda hoje os pescadores veem os zimborios soterrados ao meio do golfo, estando o céu puro e as aguas serenas. Guiar-te adormecido á entrada da gruta, eis que eu posso fazer. Mas só despertado e por tua vontade, poderás transpõr as primeiras arcarias. Não te assistem os vãos circulares dos morecos verdes, com cabeças d'anão e olhos de metal sobre o nariz; não responderás á interrogação muda das sphinges de bronze, que por aquellas lugubres avenidas agitam a cauda aneaçadoramente; nem queiras saber dos cães de tres cabeças, que arrastam a detuça sobre quem ousa penetrar o sombrio claustro que leva aos meus dominios. Oh! não hesites, meu amor! Abandona a tua velha barca e os farrapos que te vestem, e a rede que mal te dá para comer, e as cabanas e a terra onde serás toda a vida um pobretão de que ninguém faz caso. Já rompe a manhã e as estrellas se apagam. Deixa o calido sangue dos teus labios na frialdade morta dos meus! Dá-me a tua mão, que ainda é tempo, e acclamar-te-hão rei por todo o fundo d'esses mares.

Porém elle vacillava, com medo. Seguil-a-hia? Transpõr a caverna era medonho! — e scismando na fascinação d'aquellas falas, vinha lentamente a golpes de remo, perscrutando ainda no fundo das aguas as flexas dos zimborios da capital sepulta no diluio.

Dormia o golpito n'uma phosphorecencia incorporea, que lhe subia do fundo; brancuras incertas de corchueus, arcos triumphaes, terraços, estatuas, mausoleus, pareciam immobilisar-se na translucidez cerulea das camadas mais fundas, entanto que a voz da ondina se di-

fundia no murmúrio das ondas, semelhante á musica d'uma flauta entre os suspiros do arvoredo.

Andaram assim noites e noites, as redes não traziam peixe, o convívio dos pescadores era-lhe fatigante, e ia apodrecendo o colmo da cabana, sem que elle o renovasse... Uma vez, pelo alto escuro, deixou-se prender do encantamento: de manhã encontrou-se a barca sózinha, como um esquisse violado, caminho do oceano... e referindo o caso ás velhos do mar persignavam-se. Dizem que nasceu uma creança da união do pescador mal-a ondina. O paé era christão; não consentiu Deus que a pequenina visse a vida monstruosa dos paes, nos palacios da Babilonia submersa.

— Quando a ronda das virgens aquaticas tinha subido a divagar nas orlas do golpito, o pescador deitou a filha n'uma csta bem calafetada com resina. E á bocca da gruta, lançou o berço ás aguas. E o berço foi vogando té ás regiões da primavera, eterna, luminosa, onde as almas dos lyrios vão pousar-se em revoadas sobre as elegias dos poetas, e se casam os colibris co'as açucenas, e as cabeças loiras se inclinam na suavidade do mesmo idyllio entesouhado. Assim apertou o berço ao principado das rosas, e o principe que se banhava mais a princeza, ambos tristes de não serem fecundos, apenas lhes trouxeram a creança, adoptaram-na por filha, fazendo-a jurar successora ao throno do seu pequeno paiz — tão pequeno, que as lavadeiras batendo roupa nos tanques de palácio, iam extendel-a, por não chegar o campo, sobre as fortificações de rosas da fronteira. Foi crescendo a pequenina, crescendo; de longes terras vieram sabios instrui-la nos segredos do saber humano, terras, céos, astros, noites, plantas, aguas e nuvens. E açafatas de mil côres e paizes lhe ensinaram a bordar maravilhosas tapeçarias, em seda e oiro, para as capellas dos mosteiros e cathedraes; outras lhe faziam tocar no orgão symphonias de grande unção religiosa, que erguiam a alma para o azul da bemaventurança; e outras ainda a habilitavam a saltar gibões de corte e anagoas de brocado; enquanto miniaturistas toscanos lhe iam dizendo a maneira d'illuminar a brilhante colorido os livros de Horas, nobiliarios, missas, com toda a casta de figuras, grinaldas de flores e castellos, nas orlas do pergaminho assentado.

E já mulher, as falas da princeza eram de musica, os olhos cõr de lothus, e cabellos loiros tão grandes, que se os desatava, cahiam-lhe pelas costas, rolando ao chão em espiraes mimosas como a seda, e mais olorantes que a verbena e que o jasmim. Porém esta maravilhosa figura parece um crystal de neve, onde já-mais tivesse batido coração. Os seus olhos eram pallidos e vagos como os das estatuas: cerrada sempre a bocca não tinha esses instinctivos fremitos que são como beijos latentes em labios virginaes — e havia nos seus meneios tal dolencia, regularidade e reserva, que logo faziam evocar, vindo-a assim muda, a sua origem d'espectro e de *rixer*. No principado das rosas iam-se os reis fazendo velhos.

Embalde os velhos provocam justas, saraus, e outros certanems, com o fim de chamarem aos seus estados todos os bellos principes e gentil-homens da cerçania. Elles corriam, arrovavam as côres da princeza, pondo o nome d'ella por divisa, nos escudos, mas cada um, depois de a vêr se retrahia, minado do estranho frio que o seu divino corpo irradiava, frio inexplicavel, profundo, intimo, que todas as paixões ia gelando, todos os enthusiasmos abatendo, e sem escolher esposo a princeza! e um a um, cada qual partia sem voltar a cabeça, receoso, por haver tocado aquella soberba estatua de mausoleu.

Embalde os reis meditavam na reserva da princeza, pois desconhecendo-lhe o nascimento, referiam aquella tritura á magia d'algum espirito adverso.

Chamaram-se os medicos e sabios do principado, os eremitas das montanhas, e os velhos monges contempladores que viviam por essas cavernas, á beira do mar, para elles dizerem d'onde provinha tanta frialdade de sangue na herdeira do throno, e aquella brançura atônita de phantasma, que tamanho alvoroço fazia nos

(Continúa na pagina 30)

AS VIRTUDES DE MEU MARIDO!

Para a REVISTA FEMININA



«Minha boa Magda,

Todas as mulhieres têm um dia de nervos. E' uma verdade que devia constar do promptuario do casamento civil republicano e do ritual de cada creença. E antes da inutil pergunta, que o juiz ou o padre fazem aos noivos, si se querem casar um com o outro — quando geralmente ninguém se veste de noivo para ir, em companhia da noiva, á Igreja ou á Pretoria com outra intenção que não seja a de casar-se — devia ser obrigatorio o lembrete seguinte, por parte de quem officia na cerimonia:

— Antes de perguntar ao sr. F. si se quer casar com a sra. H., devo advertir-o que a senhora H. como todas as senhoras, têm um dia — ou mais — de nervos por mez e que o sr. F., ao unir seus destinos á dona de seus mais caros sonhos, deverá comprometter-se a supportar com paciencia a sra. H. nesses dias.

E' como o casamento é um contracto bi-lateral — é um principio de Direito que aprendi em casa de uma de minhas amigas, num dos taes «dias» — em que se não devem esconder virtudes ou defeitos, de uma e de outra das partes, o juiz ou o padre, voltando-se em seguida para a sra. H., devia igualmente exhortal-a:

— Antes de perguntar á sra. H. si está decididamente resolvida a casar-se com o sr. F., devo advertil-a, para sua segurança futura, que o senhor F., como todos os homens, poderá ter alguns accessos de loucura transitoria ou mais delicadamente — de pronunciação mau-humor —, que geralmente duram pouco, quasi nunca excedem a um dia e que é muito raro que se repitam, mais de tres a quatro vezes por semana. Pelo que, desde já fica avisada a senhora H., que para contrabalancar, o seu dia de nervos, terá que supportar o

dobro em peso e medida, por parte de seu marido, que é o rei da criação e o chefe da familia.

Viriam em seguida as formulas:

— Quer o sr. F., apesar disso, casar-se, por sua livre e espontanea vontade, com a senhora H.? Quer a senhora H., apesar disso, por sua livre e espontanea vontade, casar-se com o sr. F.?

Com o «apesar disso» acima enunciado creio que alguns senhores F. e não poucas senhoras H., mudariam de resolução á ultima hora, porque si é difficil a gente aguentar seus proprios «burros», é mais que cruel ter que supportar os dos outros... principalmente quando o contracto é indissolúvel, com todos os agravos e todas as restricções para nós mulheres — e todas as vantagens e toda a liberdade para nossos maridos, que em tudo nos levam cento por cento, até mesmo, na delicada questão dos «burros», que a nós são concedidos num dia singular, enquanto que a elles se permite «parrelhas» semanaes, em que os filhos habitualmente se divertem de jockeys, quando entendem de, em tão má

hora, entrar em scena.

Haveria outros que «apesar disso» — enlevados de amor ou levados de cubitosa paixão por um dote ou por uma conveniencia — acceitariam o contracto, com o onus desigual, nelle declarado.

Não se poderiam queixar mais tarde, de uma clausula previamente estabelecida, como uma multa contractual, que deve ser paga por uma das partes infractoras, sem que cesse o contracto. E' esta, uma segunda regra de direito contractual, que faz parte do meu apoucadissimo mealheiro de conhecimentos da sciencia confusa, que os homens fizeram — sob o nome de Direito — para corrigir o que pelo mundo, fazem elles de torto. Esta segunda regra, aprendia-a com o meu senhorio.

Os senhorios são geralmente os mais competentes auctores de direito contractual, si bem que mui raramente citados nas obras de Jurisprudencia.

Eu tinha firmado com o referido senhorio na ausencia de meu marido, que está dirigindo um serviço de engenharia, em uma cidade distante, um contracto de locação, tão prolixo e tão soporifero, que a minha leitura, comeci a não ouvir mais nada e acabei por assignar o que não tinha ouvido. Soube mais tarde que os exordios longos e fatigantes, com clausulas inuteis e interminaveis, eram um recurso admitido em Direito, para exhaurir a victima e enxertar nas ultimas clausulas, tudo quanto ella pudesse recusar, em lucido e perfeito uso da razão. Pelo que, é de aconselhar, a quem vae assignar um contracto de locação — principalmente si fór uma senhora — que mande ler do fim

para o começo, ao contrario do que as pessoas pouco sensatas habitualmente fazem.

Dizia meu contracto — em uma de suas ultimas clausulas — que sua duracao seria de tres annos, que eu me obrigaria a conservar a casa em bom estado, que não pregaria pregos na parede, ainda que tivesse quadros para collocar, que seria responsavel por todos os vidros das janellas, mesmo pelos damnos que nelles pudessem causar os «stillings» dos vizinhos, que não podia crear gallinhas no jardim, que não podia derramar tinta de escrever — «ou qualquer outro ingrediente maculante» — no chão ou nas paredes, que me responsabilizava pela conservacao da casa e por todos os concertos e reparos, inclusive os provenientes de intimações do serviço sanitario, que se devessem fazer durante o prazo contractual, etc. etc. e finalmente — que a infracção de qualquer das clausulas anteriores importaria em uma multa de 5:000\$, para a parte infractora, que seria cobrada executivamente, pelo que a parte contraria desiste desde já de toda e qualquer regalia legal, accitando a accção executiva, para a cobrança da referida multa, que no entanto não interrompe o contracto!

A casa valia pouco mais do que os 5:000\$: era um cottage de madeira, com duas saletas e um quarto. Estava porem numa situação muito pittoresca, no meio de um bosque, onde havia passaros, perfume silvestre e um regato — tres coisas que completam com vantagem o ideal pacifico de uma senhora, que ainda tem sonhos honestos em 1916!

Ao passar de automovel, de volta de uma visita á chacara de uma amiga, achei a casita encantadora e não tive duvida em aceitar o praso imposto pelo senhorio, nunca inferior a tres annos. Seria um ponto para ir tomar chá, com minhas amigas, nas tardes caniculares e para borrar algumas telas e encher do futuro algumas folhas de papel, enquanto meu marido desenhava suas pontes e seus viaductos. Mandei preparar primeiramente o jardim, pôr uns bancos no bosque, podar as arvores e endireitar as aléas. Queria pôr tudo em ordem, antes que meu marido chegasse, para lhe offerecer a agradável e carinhosa surpresa daquelle delicioso canto de silencio e de sombra, onde elle pudessem reduzir tranquillamente, a rabiscos, seus estudos de campo. Logo porem, que entraram a trabalhar os tapeceiros e os pintores, verificou-se que a casa ameaçava ruina, toda elle estarelada pelo «cupim». O jardineiro, examinando com a ponta de um canivete, as taboas que se esfarinhavam, desistiu de qualquer intervenção cirurgica ou sulfurosa e prognosticou, uma duracao nunca superior a um anno, para o desenganado enfermo.

Tinha razão o senhorio em ter exigido um contracto minimo de tres annos!

O prognostico de meu jardineiro, que muito não differiu dos prognosticos medicos, falkou em toda a linha, pois na semana seguinte, — quando eu não me havia podido corresponder ainda com o senhorio, que estava ausente — a um tremendo furacão, que trazia toda a impetuosidade dos guerrilheiros dos pampas, espantou a casa, como se espantia a um castello de cartas.

No dia immediato tive a visita do senhorio, que já encontrei á minha porta, quando eu voltava de uma visita aos escombros. Não trazia tristeza no rosto; antes, pelo contrario, tinha a physionomia illuminada por um desses sorrisos, que ficam por baixo da pelle, e que illuminam fracamente como o sol sob nuvens. Trazia na mão um papel: o contracto. Saudou-me affavelmente.

— Que homem amavel! — pensei. — Vou desligar-me do contracto e pedir-me desculpas por me ter alagado a casa roída de «cupim».

Fil-o entrar, sem cerimonia, como a uma pessoa de casa e levantando, apenas um pouco, meu veu, en-

trei a lamentar o desastre, quando, o meu amavel senhorio me interrompeu:

— Quando a senhora pensa em reconstruir o chalet?

— Em reconstrui-o? Não pensei nisso ainda...

— E' que pelo contracto...

— O contracto parece-me que está terminado.

— Não, senhora — disse-me o homem, sempre risonho, ao mesmo tempo, que me mostrava o papel que tinha na mão: A infracção de qualquer das clausulas não interrompe o contracto e como a senhora se obrigou a entregar-me a casa, ao fim dos tres annos, em perfeito estado, tanto faz a senhora reconstrui-la agora, como no fim do prazo, mesmo porque, construa ou não construa, o aluguel vae correndo.

— Perdão, mas o senhor está a brincar. Trata-se de um tufão, de um desastre...

— Não estava previsto no contracto, nem o tufão, nem o desastre...

— E o senhor alugou-me uma casa que estava devastada pelo cupim...

— Não estava tambem o cupim...

— Como não estava? Posso provar, tomando ao acaso, uma das taboas dos escombros...

— Não estava no contracto a presença do cupim! Levantei-me revoltada e tive uma interjeição um pouco brusca. O senhorio levantou-se tambem e de costas, procurou a porta e esgueirou-se para o corredor: — Não quero irritar a V. Exa. Em todo o caso V. Exa. pode entender-se com meu advogado, que a virá procurar. Quanto á multa de cinco contos...

— Como? Então tenho ainda que pagar a multa?

— E' que, pelo contracto, pela infracção de qualquer das clausulas, deve ser paga a multa e a senhora não conservou a casa...

— Pois si eu nem cheguei a habitar!

— O homem já se tinha posto na rua e de chapéo na mão, sempre amavel, concluiu o seu pensamento:

— E' que a senhora deixou o tufão derrubar a casa!

Póde-se imaginar em que dia de «nervos» me deixou meu amavel senhorio.

A' tarde recebi um telegramma de meu marido, que me avisava de seu regresso. Não tive coragem de ir á estação recebê-lo. Estava até aquella hora, apenas com uma chicara de chá de tilias, com algumas gotas de flor de laranja. Por mal de meus peccados, logo ao cair da noite, meu sogro, veio para nossa casa, para esperar meu marido.

E' um excellenté homem, mas que não ouve nada, que é surdo como uma pasta de algodão. Chegou, saudou-me, deu-me um beijo na testa e entrou-se numa poltrona. Sentei-me numa cadeira de braços, junto a elle e fiquei a fazer-lhe companhia, durante duas longas horas... Não conheço melhor veneno para «nervos irritados», do que «conversar duas horas, com um homem velho e surdo, ainda que seja um sogro.

Quando meu marido chegou, encontrou-me como uma pilha. Nem tive coragem de ir abraçá-lo, de ir beijá-lo, de ir recebê-lo, enfim. Meu lenço já estava picado em pedacinhos. Oh, que coisa horrivel, os nervos!

Meu marido entrou, disse-me qualquer coisa que devia ser entre secca e amavel e apoiando o braço no hombro de meu sogro, olhou-me com um gesto de censura.

— Si tivesse sabido que estavas nos teus malditos dias de nervos, teria adiado meu regresso! — disse-me afinal.

Ah, eu não pude mais! Si ficasse alli, estalava! Sahi a soluçar e fui fechar-me no meu quarto...

O resultado é que meu marido está ha tres dias de volta e ainda não trocamos uma palavra.

Hoje pretendi romper o gelo que ficou entre nós. Resolvi-me mesmo a procurá-lo humildemente. Por infelicidade, elle está hoje com seus «burros». Logo pela manha despediu o criado de quarto, derrubou um copo de leite no tapete e quando foi ler o jornal, ao sentar-se na cadeira de balanço, esmagou a perna do nosso cachorrinho, que ficou a ganir por mais de meia hora. Peço-te, pois, que venhas até cá, com teu marido; talvez, com a presença de vocês, meu marido se distraia e tudo se acabe. Muitos e muitos beijos da tua

Clarice.

S. Paulo, abril 1916.

Bebê de Mendonça Lima.

(Para a Revista Feminina de S. Paulo, Reprodução interdieta, sem a declaração do nome desta Revista).

OS PENTEADOS

As modas quanto aos penteados pouco variam em suas linhas essenciaes, de modo que, sem grande difficuldade uma senhora póde conservar, através das variações da moda, com ligeiras adaptações, o modo de pentear-se que mais se harmonize com as linhas de seu rosto. Os cabelos como elemento decorativo, não podem deixar de estar em harmonia com o quadro e só por nenhuma intuição do bello, se metteria uma mulher a copiar servilmente o penteado de um jornal de modas, sem attenção ás linhas de sua physionomia.

Antes do resto devo reprovar as senhoras que se pintam, por não sabermos aproveitar as nuances de seus cabelos.

Não me refiro ás senhoras que se pintam por terem brancos os cabelos, pois que estas têm uma attenuante que não leva a perdão e apenas lhe devo dizer, que de todas as tintas que se vendem no mercado, algumas há de consequencias funestissimas e que apenas uma conheço, que é de toda inoffensiva — A *Petalina* — que por indicação minha, a *Revista Feminina* mandou buscar e poz á disposição de suas leitoras.

A maneira de tratar dos cabelos depende muito da sua cor. As ruivas ficam bem penteadas com os cabelos frouxos, para que formem aureola ao redor da fronte. As que têm cabelos pretos devem seguir as linhas mais claras, tranquilas; quando são fartos e espessos, agradam enormemente a cabeça. O mesmo não se passa com os cabelos ruivos, que dão uma impressão luminosa e vaporosa que diminua a impressio.

Os castanhos podem ondular-se ou pentear-se lisos, em «bandeaus», segundo a configuração da cabeça.

O penteado japonês, completamente levantado sobre a fronte e com um «rodete» na ponta da cabeça, não convém aos rostos irregulares, de perfil um pouco saliente. Tem o effeito de tirar a graça á parte de trás do cráneo.

O penteado em bandós, partido ao meio, suaviza a expressio e favorece, naturalmente, o perfil; de frente, convém aos rostos pequenos e ligeiramente redondos e amplos.

A raia ao lado rejuvenesce. A frente não se deve cobrir até aos olhos.

A forma do nariz é de alta importancia. Se elle é direito, deve-se pentear regularmente; se, é grande ou aquilino,

amanha, quando elle «desemburrar» me cortem os nervos e que quando estes se acabarem, voltem ao meu marido «os burros». Acho que é urgente que se estabeleça um calendario para os «nervos» das mulheres e para os «burros», do marido, para o que se pode tomar por base as combinações de horarios das estradas de ferro e os desvios de linhas, para evitar os abalroamentos.

S. Paulo, abril 1916.

Bebê de Mendonça Lima.

(Para a Revista Feminina de S. Paulo, Reprodução interdieta, sem a declaração do nome desta Revista).

TARDE DE ABRIL

Para a REVISTA FEMININA

Fulguram pelo azul do céu reflexos suaves Do sol, que morretraz da velha torre esquia; E na sua triste voz, cheia de accents graves, Um sino, muito longe, entoa Ave-Maria;

Tudo é silencio e paz, lento agoniza o dia Na dubia luz que lembra as solitarias naveas, Só no bosque outomnal entre os ramos cieos O pio sentimental das perquenas aves.

Abri, mez dás Paixão! como nós tequeremos! Nesses tardes azues com crepusculos de ouro! Nesses calmos jardins cheios de cerysanthemos!

E a tristeza sem fim que, nos poucos nos invade Faz vibrar em nossa alma um sino immortalle

Que vem do muito longe e chama-se Saad... [plade!]

S. Paulo, Abril 1916.

Y. de Schloenbach Blumenstein.

sim, que pode evolucionar rapidamente. As mais communs são as tinturas progressivas todas á base do nitrato de prata, cuja absorpção dá lugar a uma intoxicação lenta, que termina por um caquexia do fígado ou por uma arterio-esclerose ou ainda por accidentes mais graves.

As duas ultimas formulas inoffensivas são o *Homé* verdadeiro para dar aos cabelos a cor loira ou castanho-claro e a *Petalina*, que tingue desdo e castanho até um bello negro luscante e vivo, que illuda á pessoa mais esparta.

É preciso não confundir o verdadeiro *Homé* — que é uma tintura vegetal, com o de Oriente e que não existe á venda no Brasil — com diversas tinturas que se encontram á venda no nosso commercio, á base de sales de prata e de chumbo e com o rotulo de *Homé*. A pedido de diversas leitoras nós estavamos fazendo esforços para importar do Oriente o verdadeiro *Homé* — para as loiras e castanhas — mas a guerra veio annullar os nossos esforços.

A *Petalina*, que é absolutamente inoffensiva, nós conseguimos que os senhores John Regent & Comp' fizessem vir da Europa e ás nossas leitoras que desejarem fazer desaparecer os seus cabelos brancos, poderem servir de intermediaria enviando-lhes a *Petalina*, que não temos duvida em recomendar.

Com a *Petalina* em dez minutos faz-se a pintura, podendo lavar-se a cabeça em seguida e pôr brilhantina ou qualquer oleo nos cabelos. É sufficiente uma applicação por mez e cada tubo de *Petalina* pode dar para um anno ou mais pois é concentrada e vae acompanhada de um prospecto explicativo sobre a maneira de usá-la e prepará-la. Simples, facil, perfeito e inoffensivo. Basta envia-la á importancia de dez mil réis e o envelope á Empresa Femenina Brasileira, Alameda Glatto, 57 — S. Paulo.

MOVEIS, MOVEIS, CASA PRIMOR, os melhores, os mais baratos, na

J. DE OLIVEIRA COSTA AVENIDA BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 61 CAIXA, 1195 — TELEPHONE, 4905 — S. PAULO

OS RETRATOS E AS MULHERES

A CONDESSA de Aspon que publica na *Noticia* de Buenos Ayres chronicas tão curiosas para os que se interessam pelo movimento de alta vida feminina referi-se n'um dos seus últimos artigos a triste aventura d'uma dama a quem os juizes obrigaram a pagar um busto que francamente não estava nada parecido. — Póde bem ser que esse marmore se não pareça muito com a senhora, disse o juiz, para toda a gente é uma obra admiravel.

— Pois n'este caso que o compre toda-a-gente... eu não o quero.

Em assumptos d'estes devemos concluir, com verdade, que os tribunaes tanto em Paris como na Argentina não tem um critério bem fixo. Quando ha pouco uma actriz se negou a pagar um retrato que d'ella fez um pintor mas que não estava nada parecido, o juiz deu-lhe razão.

— Visto que não é a senhora, exclamou elle sorrindo, não póde ficar com elle. E como o pintor protestava, dizendo que pelo contrario estava muito parecido, o juiz respondeu-lhe:

— Meu caro senhor: creio que as retratadas sabem melhor do que os retratistas se estão ou não parecidas.

Em quanto existirem pintores e senhoras *coquettes* um semelhante conflito ha de continuar a dar-se a cada instante. Porque uma mulher bonita, por muito intelligente que seja, nunca parece satisfeita com a imagem que d'ella se reflecte.

— Como? seu por acaso isso? murmura... oh não!

Mesmo a photographia raras vezes consegue agradar por completo a mulher que se não reconhece no exacto *cliché* photographico e porque na realidade a exacta semelhança, absoluta e invariavel, o que seja como d'uma exatidão mathematica não existe e não póde existir dos seres vivos.

Entre duas photographias d'uma mesma pessoa, não ha duas que sejam bem eguaes. Uma janella aberta, um dia escuro, um gesto determinado, um facto especia, — o mais do que tudo isso o estado d'espírito, — transformam a photographia de dia para dia hora para hora. Por isso eu pergunto a mim mesmo, um pouco inquieto.

O que dirá um juiz a uma dama que argumente o não estar parecida para não pagar a sua photographia? Porque não ha meio de ficar desdenhosamente dos caprichos do artista. As lentes de Zeus ou Geryx, approvadas por todos os sabios institutos não se inclinarão diante da vontade d'um tribunal. A dama, pois, terá de pagar ainda mesmo que não esteja bem parecida. E isso será bem injusto se por acaso o que succedera nos pintores condemnados não seja a consideração bem excepcional.

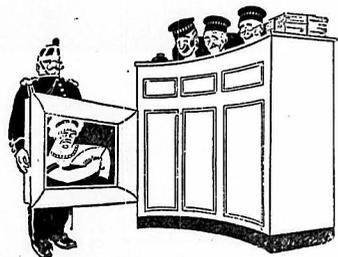
A minha fé deve resolver o problema de estar ou não parecido o retrato com a retratada, mas haverá razão quando diante d'um papel de bromuro nos fecham a bocca, dizendo:

— Embora se não pareça, é bem o senhor!

Para ver a semelhança occulta d'um desses retratos que segundo o vulgo, não são como os seus modelos, é preciso ter olhos de poeta ou olhos de poeta-pintor. A arte apenas, mesmo a maior arte não é o sufficiente para descobrir a verdade que se occulta sob a apparencia phantastica de certos retratos.

Guiando-me nos salões de sua recente exposicão, um grande artista da luz fazia-me notar os seus retratos e detendo-me diante d'um bella um pouco obscuro, em cujo fundo se destacava uma enigmatica cara morena, disse-me:

— É a minha mulher. Ella não se acha parecida nem os seus amigos e amigas a reconhecem. Mas eu vejo-a assim... F n'estas phrases está explicado todo o problema.



Quando o artista pinta com habilidade, com sciencia, com tudo o que constituo a alma, a cor é a linha, sómente faz retratos como esses tão celebres de Sorolla, nos quaes a gente vê com tanta nitidez Zoltegray e Blasco Ibañez. Porém para os outros ha necessidade de mais alguma coisa: ha a necessidade da intimidade, da poesia, do amor.

Os olhos que veem como lentes, exaltam as linhas exteriores do modelo que o preoccupa e que é o não sabe bem interpretar.

E assim nada seria tão curioso como um mesmo rosto de mulher interpretado por esses artistas. O que para Gaudin é um lírio, para Rodin é uma corolla, para Agulha um véo, para Jacques Blanche um *crayanthem*. Em quanto a Rodin devemos recordar ao seu Balzac para formar uma ideia do que a sua visão épica faz da realidade. Com o seu genio generalizador, equal ao de Plauto e ao Kant converte cada facto d'um systema. Os casos existem para elle.

No escriptor vê ao mesmo tempo do que o rosto: a obra, as ideias, a vida, a luta, o espirito. E sem tanto que a sua obra plastica é antes e acima de tudo um poema de pedra, exclama ao terminá-la:

— Creio que é bem elle...

E logo a vulgaridade contesta:

Não. Não é isso. Não é nada d'isso. Isso é informe!

E é por isso que o grande artista mostrando os marionetes de seu *atelier* nos diz a cada passo, com ar sincero:

— Eis o busto d'uma duquesa, mas não o acho parecido.

— Aqui está uma dama argentina, e tambem o não acho bom.

— Veja agora esta princeza russa, mas não tem semelhança d'espécie alguma.

E diz todo isso, o genial artista, sem amargura, sem rancor, sem ironia. Sabe que a sua mão é um instrumento inconsciente que não póde obedecer senão a sua visão. Ainda que quizesse fazer *coisas parecidas* não o poderia.

Um dia certa grande dama de Moscov apresentava-se no *atelier* de Rodin e disse-lhe:

— Mestre, quero que me faça o meu busto.

E o grande e genial artista teve de fazer-lhe notar que as suas obras muito frequentemente não eram do gosto de seus modelos.

Se após esta proba e digna de declaração a frogueza insistir, não se póde haver depois discussão se por acaso o busto se não parecer.

Mas isto é o lado commercial da questão. E se póde interessar os juizes que julgam segundo os codigos, para nós artistas e criticos o caso é muito differente, sob diversos pontos porque tomos uma concepção mais elevada do que se chama a Arte.

O que queremos é saber, se uma artista póde ajustar-se ao modelo sem fazer um esforço contra o seu proprio temperamento e se a critica está no seu direito quando exige semelhanças as mais absolutas e as mais exactas.

A noção mesmo do que é semelhante não é mais do que uma theoria muito vaga.

Os impressionistas que compreendem quanto mais importante é a cor do que a *linha* na natureza, foram os primeiros a proclamar que o aspecto exterior das coisas muda a cada momento pelos effectos da luz e da sombra.

As *medas de palha* de Claude Monet chamaram tanto a attenção a este respeito que a Critica ainda hoje ns discute.

A luz faz variar as formas, a cor, o tamanho e até a consistencia d'um teigal mudo que o sol doura ou que a noite assombrê. Ora se isso se dá com um objecto immovel e inanimado, o que ns não passará portanto com um modelo vivo. E principalmente com uma mulher...

E. Gomez Carrillo.



Caro Bem

(Para a Revista Feminina)

Que beijinhos doces de um filhinho amado,
De olhos transparentes e jetção lyrical!
Nesta vida acaso conheceu ventura
Quem não teve ao selo uma boquinha pura,
Quem não teve aos labios um rosinho ideal!

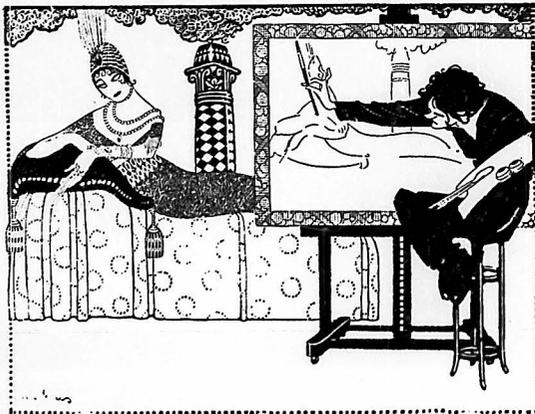
Quanto mais nos custa qualquer bem na terra
Tanto mais amamos esse bem tão caro!
Um filhinho custa a flor da mocidade!
Quem disséra as dores da maternidade?
Quem disséra tudo num dizer bem claro?

E depois que sustos l que soffrer constant!
Se uma porta bate: meu filhinho morre...
Geme a ventania...
A vizinha o filho viu morrer num dia:
Acoute-la o anjinho: corre, corre, corre!

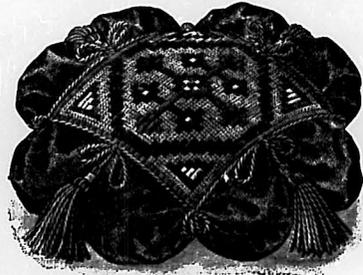
E tudo isso passa como um pesadelo:
Corpo deformado, capivetro certo,
Sustos e trabalhos, isso tudo é pouco,
Quasi nada é tudo para ter em troco
Num filhinho amado o nosso céo aberto...

SÃO PAULO, 1916.

Préscliana Duarte de Almeida.



Trabalhos Femininos



ALMOFADA PARA OS PÉS.

Esta almofada é recoberta com pelé de linho e ornada de um bordado que mede 32 centímetros quadrados, executado a ponto de cruz e ponto alato, com lan de côr, sobre tecido de juta da cor natural. Arremata-se a beira com um cordão de lan de côr, disposto nos cantos em anéis, e ao meio com um nó de cada lado; este nó termina por uma beira em pessarmanaria. O desenho é recoberto por dentro com couro de côr escura.

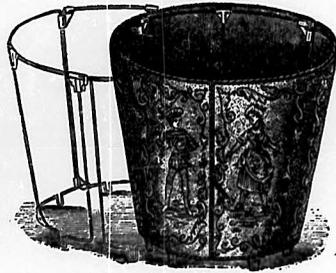


Fig. 1
PORTA-VASO ORNADO DE BORDADO OU PINTURA

A armação deste porta-vaso é feita de arame bem grosso e se compõe de tres pedaços arredondados e reunidos por juncturas, descaçando sobre pés de dois centímetros de altura. Estes pedaços têm vinte e tres centímetros de largura na parte superior e dezesseis na parte inferior. Empregam-se para cobrir esta forma seis pedaços de cartão tendo cada um dezolito centímetros de altura, onze de largura na parte superior e oito na parte inferior, recobertos na parte inferior com pedaços de panno transparente bordado; reforça-se com oleado e se debrua com um cordão de côr.



Fig. 2

A figura 1 representa a forma do porta-vaso. Nossos desenhos 2 e 3 representam duas figuras executadas alternadamente sobre a fazenda. Emprega-se cordão de seda preta, seda branca e seda negra para executar o bordado a ponto de cordão e ponto russo.

Depois reúnem-se todos os pedaços de cartão e fixa-se sobre a fôrma.

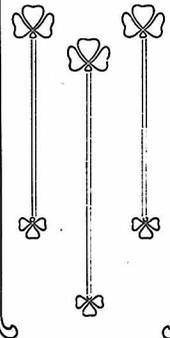
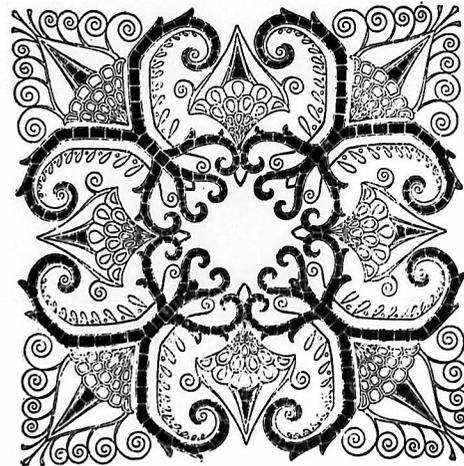
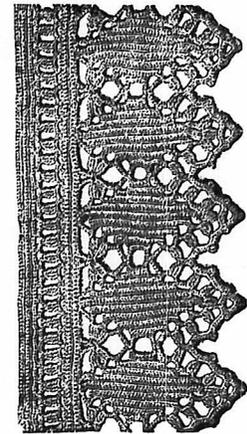


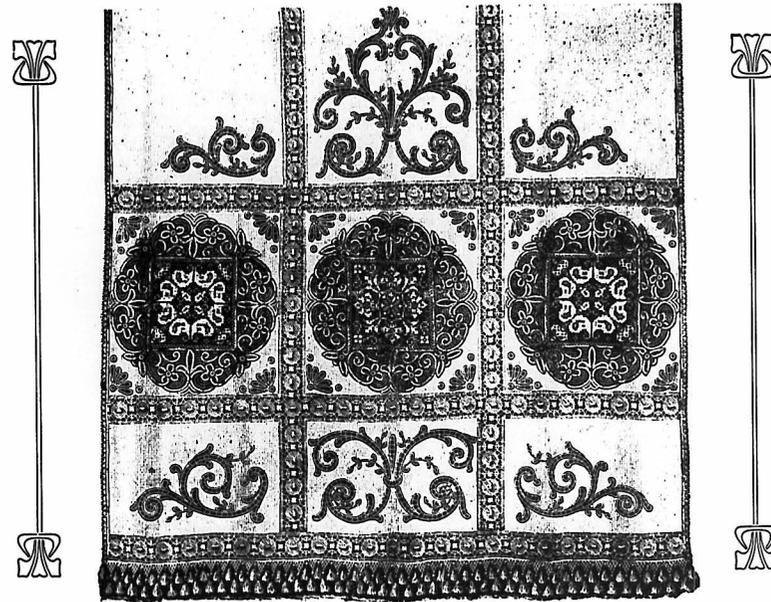
Fig. 3



Toalhinha ou centro de mesa a ponto de cordão, ponto inglês e ponto Richeleu



Linda renda em crochet



Elegante e rico store com bordados à inglesa, entremêdo de renda de bilros e franjas. Os medalhões de renda de bilros podem ser substituídos por quadros de filot, ou então por indianity, (trabalhos que temos ensinado em numeros anteriores)

A MODA

EU estava sentada a um canto do *hall*, junto à vidraça, commettendo um peccado venial, a que me obriga o meio. Estava mentindo ou antes preparando uma mentira elegante!

Acabava de receber um chapéu de uma modista humilde que descobri numa travessa de arrabalde, tímida, modesta, escondida num pequeno prédio achavascado, junto de grandes e sumptuosos palacetes modernos. Foi como dizem os francezes uma *troussaille*, ou como dizem os nossos elegantes, quando se esquecem que devem ser francezes: Um achado!

As minhas leitoras sabem que uma descoberta de tal ordem, vale muito mais do que a descoberta da America, para uma elegante de poucos haveres, que pode obter por meio della dois chapéus, em vez de um, com o mesmo dinheiro! Parece uma heresia que acabo de dizer mas era a modista de gosto e de preços commodos e a America, quasi todas as mulheres preferiram descobrir a primeira!

A minha modesta modista faria honra a qualquer casa de fama. Dois ou tres chapéus que ella me mostrou eram mais que um primor; eram positivamente um encanto.

Comprei um delles por um preço ridiculo, que ainda conseguí com abatimento, porque si bem que meu coração pulasse de contente, os meus habitos femininos levaram-me a pechinchar!

Tão contente estava eu que resolvi trazê-lo commigo e apesar de haver prometido á modista que lhe mandaria algumas freguezas, sahi convencida de fazer o contrario e de não revelar a minha descoberta a nenhuma de minhas amigas para evitar concurrencia desleal...

Chegando a casa levei mais longe minha ingratidão.

A etiqueta de uma modista desconhecida de arrabalde não podia recomendar o lindo chapéu ao meu circulo, ainda que elle fosse um encanto. As minhas amigas faziam vir os seus chapéus de Paris e mesmo de Paris, só adoptavam a rua de la Paix.

Lembrei-me de um velho chapéu que eu comprara em Paris, e justamente na celebre rua que sendo da paz, é motivo de frequentes discordias entre maridos e mulheres, pelo exaggerado de seus preços. A teteia que eu acabava de comprar, com uma etiqueta da rua de la Paix, seria uma obra-prima, com todos os sacramentos!

Não hesitei. Fui ao armario, arranquei a etiqueta do chapéu velho e estava sentada, como disse, a um canto do *hall*, junto á vidraça, a cosel-a ao fundo do chapéu novo, quando a creada me veio annunciar o famigerado poeta, de que já lhes tenho falado e que ha annos me vive a oferecer versos, á espera de um emprego publico ou de qualquer outro modo de ganhar a vida desonestamente sem trabalhar, para pedir minha mão, que desde ha muito estou certissima de recusar-lhe.

Frequentemente elle vem á nossa casa. Em dias de sol quasi nunca o recebo; supporto-o em dias chuvosos e tristes, nos quaes muitas vezes fica a gente horas e horas a ouvir um grilo, pelo que não é arrojio ouvir um poeta respeitadoramente enatorado.

Era justamente um dia de sol e a creada ao annunciar-o, disse-me que já havia preparado uma evasiva, dizendo-lhe que «ia ver si eu estava em casa», pois que eu tinha sahido depois do almoço e não me tinha visto entrar.

Minha creada é pouco profunda em psychologia feminina e não sabe que mesmo em dia de sol uma mulher façeira, desde que tenha um novo chapéu ou uma nova *toilette* da rua de la Paix, não recusa a deixar-se ver mesmo pelo maior cacete.

Acabei de coser a etiqueta, colloquei o chapéu sobre uma mesinha de xairão, bem á vista e mandei entrar o meu fastidioso enamorado.

Parece-me que elle é menos profundo em psychologia feminina que minha creada, pois entrou, saudou-me, sentou-se, disse-me uma serie de banalidades e nem reparou no meu chapéu e nem a elle se referiu! Ao fim de um quarto de hora quando elle iniciava uma de suas veladas declarações não me contive e exclamei:

— O que me diz desse chapéu?

O poeta olhou-o por um instante e respondeu-me quasi brusco:

— E' horrivel! Não comprehendo que se admittam á plena luz da civilisação barbaridades como essa, que deformam a belleza feminina e que nos equiparam aos indigenas, enchendo a cabeça das mulheres de trapos multicores, de penas de passaros, de legumes e de hortaliças...

— Oh! — exclamei eu revoltada e levantando-me, tomei o chapéu e dei-lho a examinar — Olhe o forro, veja de onde vem esse chapéu...

O poeta olhou pouco interessado a etiqueta que eu acabara de prégar e leu-a, sem comprehender.

— E' da rua de la Paix, bradei-lhe eu, da «orta» da elegancia, comprehendeu? E o senhor chama a essa obra prima de barbaridade?



lindo modelo concebido nas officinas de SAISON, desta Capital

— Ah — fungou o poeta — E' da rua de la Paix? Eu já contava com o effeito magico daquelle nome e ao ver-o que abria a bocca tive certeza de que se ia retractar, quando aos meus ouvidos chegaram estas palavras:

— Pois eu lamento profundamente que a fortaleza de Verdun ainda esteja impedindo que os obuzes allemaes reduzam-na a pó!

E' escusado dizer que uma enxaqueca subita me fez despedir o poeta e que por causa da rua da Paz estamos nós em guerra ha já uma quinquena!

Tudo falsificado neste seculo; até os poetas...

Côres — As côres claras estão novamente na moda e ao lado do preto e do azul, que nunca saem de moda, ostentam-se agora o suêde, o cinza, o gris-perle e o touterelle, de que já ha muito não havia noticia e ainda — o branco, o amarello marfim, o vermelho e o verde. Usam-se ainda os tecidos listados e xadrez, combinados com tecidos de uma só cor, o que produz um lindo effeito.

Moldes — As saias continuam muito largas, franzidas ou encanutidas e nunca lisas, com grande roda. Uma ligeira innovação: — as saias em guarda-chuva, as saias em volante e as tunicas longas.

Quanto aos folhos do franzido ha uma pequena novidade; são feitos em forma dos tubos de um organ de egreja, cinco ou seis de cada lado, presos por um alamar e situados acima dos joelhos.

As jaquetas são de abas curtas e onduladas, muitas vezes com godet e abrem-se sobre colletinhos, inteiramente soutachés.

Pelles — Entre a série das vulgares e por conseguinte das empregadas pelas elegantes menos abastadas figuram as seguintes especies:

«Moufflon» (carneiro montez), «chèvre» de Morgali, skings, chinchilla, raposa do Canadá, collinsky e gato da Russia.

As pelles raras, e como tal preferidas pela aristocracia feminina, são:

Renard bleu, argenté, gris e bleu, ou seja raposa azul, prateada, cinzenta e branca, mara zebelina, lontra, arminho, astrakan, toupeira e «vison», que é uma especie de mará, mais vulgar.

Mas de todas estas pelles existem imitações tão perfeitas que chegam a confundir-se com as verdadeiras, facto este que dá lugar, não só a muitas senhoras serem logradas, pensando fa-

zer aquisições de pelles verdadeiras, mas tambem a que muitas outras as exhibam como taes para apparentar riqueza de «toilette», quando não passam de imitações.

Toilettes «dernier cri» 1—*Toilette da visita e mai-nêe em velludo com cizento loupette, tulle bordado, musselina de seda, fita de setim bordado e botões de phantasie.*

Saia em velludo, redonda e ligeiramente cortada em fórma, disposta em godets na extremidade, encimada na parte superior até um terço da sua altura, por uma tunica de musselina de seda do mesmo tom do velludo finamente pregueada com pregas deitadas, formando meio circulo na frente e atrás e terminando com pontas mais compridas aos lados dos quaes pendem borlas de seda de tom verde escuro.

Blusa de tulle branco bordada encruzando da direita para a esquerda, abotoada ao lado e decotada, abrindo na parte superior do peito com pequeno V e guarnecida em volta do decote por um *plissé* de musselina de seda igual á da tunica, *plissé* muito alto e disposto em godets que forma a gola genero Medicis.

Mangas compridas e bastante amplas em tulle bordado terminadas por um largo folho apertado na parte superior do pulso por uma fita de setim.

Esta blusa é encimada por um corpinho sem mangas em velludo igual á saia, recortado em oval até abaixo do peito e aos lados até á orelha do mesmo em feito de meia lua formando uma especie de *bratelles* das quaes pendem na volta que fazem na cintura borlas de seda semelhantes ás da tunica. O corpinho é guarnecido na frente entre a cintura e a parte recortada em oval por uma applicação bordada a soutache verde-escuro. Igual bordado nas costas, na mesma distancia da frente.

Toque de velludo preto ligeiramente *coulissé*, nas abas e *drapé* na capa guarnecida ao lado esquerdo por duas bonitas penas de pato, uma verde e outra branca.

II — *Toilette* de mme. Bartet (na Comedie Française). Em drap sedoso mordoré. Tunica muito longa, chata na frente e franzida aos lados, com pregas grossas. O casaco é montante, abotoado de lado, assim como a saia, casas grandes e botões de viel argent. Cintura de faille preto formando abertos dos lados, com franjas prateadas.

Marignette.



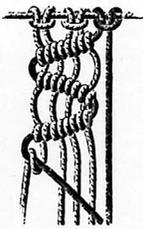
Outro original modelo das officinas de conhecida casa SAISON desta Capital

TRABALHOS DE AGULHA

O Macramê

(Continuação)

Pequeno galão a baguettes (fig. 33) — Contrariamente ao que se faz para as baguettes de nós descritas nas figs. 22 a 27, neste galão o mesmo fio porta-nós, vai e volta sob os quatro fios a atar.



(Fig. 33) Pequeno galão a baguettes

Para que se possa distinguir facilmente os fios a atar do fio porta-nós o último, figura em um tom mais escuro que os primeiros.

Franja de macramê (figs. 34, 35 e 36) — Comprimento dos fios centímetros.

1.ª serie — montagem como na fig. 2, seguindo 1 fio azul, 1 fio branco, 1 fio vermelho, e assim por diante.

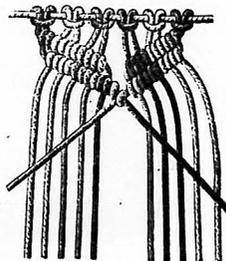
2.ª serie — fazer uma baguette de nós horizontais, fig. 4, por cima um segundo fio porta-nós.

3.ª serie — 3 nós de festão executados com 2 fios; ver a fig. 21.

4.ª serie — semelhante a 2.ª

5.ª serie — fazer as baguettes de nós duplos, para a direita e para a esquerda, contando seis fios para cada baguette, sendo por tanto doze fios para duas baguettes.

O 1.º e o 12.º fio são para cobrir os nós com os 10 fios que os separam. Na 2.ª serie de nós que forma a baguette dupla, se faz ainda um nó duplo, por cima do fio porta-nós com aquele que fazia esse papel na serie precedente. Terminadas as baguettes, se as aproxima tanto quanto possível, corta-se o fio da esquerda e faz-se ainda um nó duplo com o fio da direita fig. 35. Continuam-se as baguettes em sentido opposto de sorte



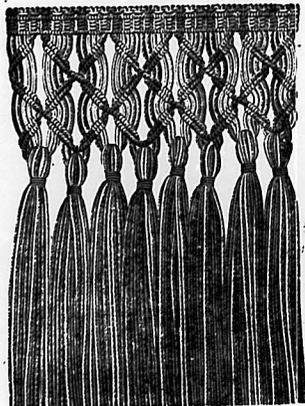
(Fig. 35) Detalhe da fig. 34

que o fio porta-nós da esquerda é estendido por cima do grupo de fios da direita, e o fio porta-nós da direita por cima do grupo da esquerda.

Fazem-se tres ordens de baguettes duplas, depois do que se toma sempre tres fios de um grupo a esquerda e tres fios a direita, se os ata ligeiramente, ao meio de um nó simples, em seguida faz-se entrar por cima do nó uma mecha do nove fios, do comprimento de quinze centímetros fig. 36 letra A, se volta o nó até junto das baguettes e se volta muitas vezes um fio em volta da borla fig. 36 letra B.

Franja de mosqueado com banda mosaica (figs. 37, 38 e 39). — Comprimento dos fios para linha 30: 90 centímetros.

1.ª serie — montagem como na fig. 2, com o fio escuro, e um fio crú seguido de uma sim-



(Fig. 34) Franja de macramê

ples baguette de nós duplos; não se deve unir muito os nós.

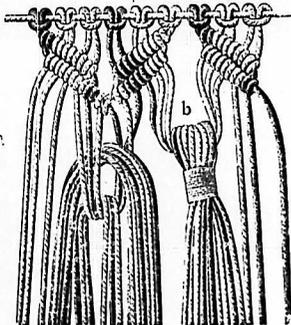
Da 2.ª até a 5.ª serie — quatro ordens de mosqueados como se vê no grande detalhe fig. 38 onde o nó está em execução, e na fig. 39 onde o nó fechado é precedido e seguido de um nó chato.

As cores se alternam nos nós; na 2.ª e 4.ª serie é o fio claro que o emquadra o mosqueado, na 3.ª e 5.ª serie é o fio escuro que o emquadra.

6.ª serie — Uma baguette horizontal de nós duplos sobre o fio porta-nós novamente ajuntado.

7.ª serie — ajuntar ainda um fio porta-nós e uma baguette horizontal sobre a qual se monta, entre dois nós duplos claros, um fio vermelho; o anel, ao meio do qual se prende o fio, substitue o nó.

8.ª serie — ajuntar um terceiro fio porta-nós, fazer com os fios vermelhos



(Fig. 36) Detalhe da fig. 34

dois nós duplos entre os nós do fio crú.

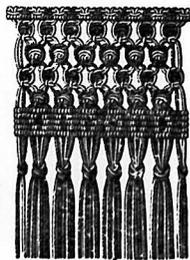
9.ª serie — ajuntar um quarto fio porta-nós fazer um meio nó com cada fio vermelho.

10.ª serie — ajuntar um quinto fio porta-nós, depois fazer uma baguette horizontal como na 6.ª serie; voltar os fios vermelhos sobre o avesso e arrematar.

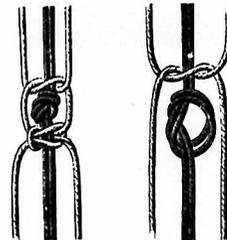
As pontas dos fios são reunidas seis por seis e atadas por um simples nó a uma distancia de 15 milímetros da ultima baguette.

Este mesmo desenho pode servir de fundo; neste caso, o fio vermelho deverá ser voltado para o avesso do trabalho e se repetirá a servir de mosqueados até a banda mosaica.

Cercadura de macramê (fig. 40). — Começar por uma montagem simples fig. 2, seguida de uma simples baguette horizontal. Contar oito fios simples. Fazer em primeiro lugar todas as baguettes obliquas da direita para a esquerda fig. 42, depois contando da esquerda para a direita tomar o quinto fio porta-nós, ainda fig. 42, e começar a 2.ª serie de baguettes de nós, inclinadas da esquerda a



(Fig. 37) Franja com mosqueados banda de mosaica



(Fig. 38) Mosqueado fechado, Detalhe da fig. 36



(Fig. 39) Mosqueado aberto, Detalhe da fig. 36

direita. Prender os fios depois desta serie de nós, como no detalhe fig. 40, onde o detalhe letra A mostra o fio atado, o detalhe letra B resto do fio cortado, o detalhe letra C, o nó virado e apertado pelo avesso.

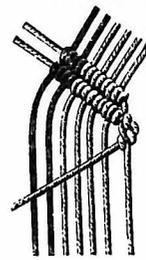
Galão confeccionado com navettes para macramê (fig. 41 e 42). — Para facilitar o trabalho e não haver neces-



(Fig. 40) Cercadura de macramê

sidade de emendar o fio no meio do trabalho, aconselhamos o uso da navette para macramê.

Preparar oito fios duplos de uma largura correspondente ao tamanho



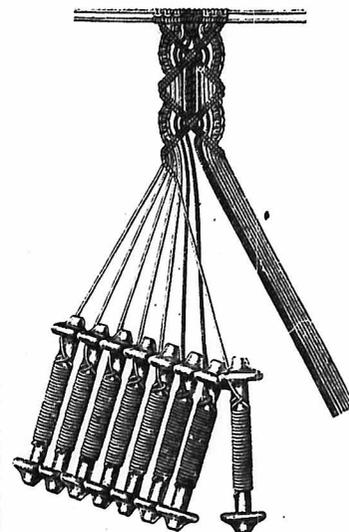
(Fig. 42) Baguette obliqua. Detalhe da fig. 37

que se quer dar ao galão; para este modo de cortar com 30 cent. Linha n.º 3. A montagem se opera como na fig. 2 com 3 fios azues e 2 escuros e 3 azues; fazer em seguida uma simples baguette de nós; deixar dois fios a direita e dois a esquerda e com quatro e quatro fios do

meio fazer 3 nós chatos.

Fazer nós duplos por cima o decimo sexto fio a direita, com o decimo quinto, decimo quarto, decimo terceiro, decimo segundo, decimo primeiro, decimo e nono fios; depois fazer nós com os mesmos fios por cima do decimo quinto fio, fazer a esquerda a mesma baguette sobre o primeiro fio, com o segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, setimo e oitavo fios e sobre o segundo fio com os mesmos fios. Para reunir as duas baguettes fazer nós duplos com os fios porta-nós da baguette da esquerda sobre os fios porta-nós da baguette da direita.

Sobre os dois lados e com os quatro fios exteriores: quatro nós chatos fig. 3, ainda duas baguettes à direita e à esquerda, mas na direcção opposta, e atando-a até o ultimo fio, fig. 42. Tomar os fios do meio em numero de quatro, e fazer seis nós chatos depois que voltar para o avesso as baguettes atadas.



(Fig. 41) Galão confeccionado com navette de macramê

A volta do fio é ainda visível na fig. 42. (FIM.)

EXPEDIENTE

A todas as pessoas que tomarem uma assignatura da REVISTA FEMININA remetêremos como presente O Adaluis elegante livrinho de receitas de cosinha e doces ou um fasciculo do „Cyranô de Bergerac" de Edmund Rostand.

Toda Sra. que nos arranja 10 assignaturas terá uma assignatura gratis alem do Adaluis, e á que nos enviar 2 assignaturas terá direito ao sorteo de um enxoval de noiva, um mobiliario ou um conto de reis em dinheiro.

Avisamos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformar-as quanto antes evitando assim que seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda a correspondencia destinada á REVISTA FEMININA deve ser dirigida á Da. Virgíllina de Souza Salles, directora da Empresa Feminina Brasileira, Alameda Glette, 87, São Paulo.

Pianos

Afina e concerta. Autopianos — Harmonium — Phonolista — Pianólas — Vende esses artigos em segunda mão.

TELEPHONE 48-86 ESTEVAM LUCCHESI Rua José Bonifácio, 29 - B

PRATICO EM FABRICAS ALLEMÂS Attestados das grandes pianistas Guiomar Novaes e Antonietta Rudge Miller — glorias mundiaes.



Dr. J. J. de Carvalho

Testamento aberto

A minhas filhas



A senheira Carvalho

Attendei, minhas filhas, quem amigo mais do que eu vos será em toda vida? Guardai, pois, os conselhos que aqui dou, tão perto já da extrema despedida.

O tempo que me resta; incerto e breve, que um veneno subtil minando vai. Impõe, mais do que nunca, assim falar, sincero, como cumpre ser um pai.

Pouco vale o que nós temos em bens convosco mesmo tudo hei despendido. O melhor a legar-vos é o que deixo neste meu testamento a ser cumprido

Serdes belas, felizes, e prendadas, meigas, gentis, de todos bem queridas é o meu maior anelo, a quanto aspira meu peito, do que sois estremeçadas

Evitai revelar de genio excessos; mostrai desejos só, sem exigir; com bom modo se alcança o que se quer, que o man gesto convida a resistir

A rixa, a zanga, a raiva, minhas filhas a existencia consumem sem proveito; isso que nos rapazes se acha feio nas moças ainda é maior defeito.

Um genio acomodado e tolerante, uma condescendencia delicada, inspiram simpatia e bem querença, fazem a companhia desejada.

Nunca digais — «Cada um qual Deus o fez.» juizo que ainda pede applicação nós não saímos todos acabados ao receber da vida a criação

Ninguém nasce perfeito: a creatura se fosse abandonada a si sómente ou viveria apenas por momento, ou um monstro seria repelente

Vedes a mãe o filho aconchegando ao seio, que amamenta e dá calor? O que fóra da tenra criancinha, a lhe faltarem zelos tais do amor?

Esses passos que dais hoje garbosas incertas a principio, e vacilantes, foi vossa cara mãe quem os guiou por dias, mezes, longos e bastantes.

A nossa intelligencia, o que falamos, tudo aquilo que nós hoje sabemos de tempo e de cultivo dependeu, nos esmeros dos pais tudo devemos.

Sabeis a lastimosa differença entre filhos que pais zelosos cuidam, e aquelles que, em cruel, triste desleixo, se deixam, se não tratam, se descuidam

Curai, pois, com empenho, de evitar qualquer demonstração de violencia; o genio pelo exorcizo se corrige, meiguice vale mais que impertinencia

E disto, sobre que já tanto insisto, guardai bem quanto dito aqui vos fica. O caracter em tudo se revela; é o que mais se nota e se critica.

Não descureis de dar asseio ao corpo, pondo nisso attenção a mais cuidados; dão á moça realce: as mãos bem alvas, a boca pura, limpa e perfumosa,

A veste bem tratada, inda que pobre; os dedos pelas unhas aparados, o sapatinho limpo, a meia clara, os cabellos com zelo bem penteados.

E por sobre esse cuidado, outro maior deveis ter no geral da compostura; modestas no trajar, serio, decente, sem os feios requintes da impostura

Mesmo que ricos fosseis, não deveis de vaidosas entre outras alectar o pudor da pobreza é condição que se impõe, que devemos acatar.

E demais não o sois, infelizmente. Os sacrificios que me haveis custado na prática fiel de meus conselhos é só como teréis bem compensado.

Deveis compôr o leito de alvas roupas, embora em grosso fio vão tecidas; o pobre algodão ao linho se esquivara se o alvejam de amor mãos aquecidas.

Com pouco podeis ter a casa alegre: imitai nesse arranjo o passarinho, que habita do telhado nos beirais e de palhas com arte trama o ninho.

Quanto conceito bom nós aprendemos com o povo que não lê nem estudou! Oportuno é lembrar este que diz — *Uma pobreza limpa Deus amou*

Se da vossa alma e corpo bem cuidardes áquela dando nobres sentimentos que no culto christão heis aprendido, nenhuma excederá tais ornamentos.

A corporal beleza é predicado por certo de valor, m's relativo; a virtude, porém, é absoluta vence homem de bem, fal-o cativo.

Dai leitura moral á intelligencia de sãs noções ornaí vossa memoria; e vossa alma alefantando aos ceus em prece conquistaréis, respeito, fama, e gloria

Não deveis vossos labios desatar em risos de desprezo ou de escarninho, quando acaso o mendigo ou o estropiado a esmola vos pedirem no caminho.

No peito femilil assentam bem as mostras de infinjida caridade: as molestias, os males e as miserias triste apamajo são da humanidade.

Sêde com os pequeninos carinhosas qual convosco se foi na tenra idade; maltratar as crianças, minhas filhas, é bruteza, e direi perversidade.

Bondosas aceitai a autoridade dos parentes, amigos e mais velhos; da falta de saber o correctivo achareis no valor dos bons conselhos,

O rallo com cordura, dado a tempo, interesse vivaz e amor traduz; quem pode desviar um desatino e consente, ao abismo nos conduz.

Tambem a tolerancia é peccadora; se o facho da razão não ilumina; as banais travessuras dum rapaz defectos se afiguram na menina

No meio social em que vivemos, de iminentes perigos acerçados, mesmo indefesso zelo ainda é pouco com sentidos e cuidados redobrados.

Nesta cansada idade, em que ora vivo meu ardente e leal patrio carinho, roga constante a Deus, ora e supplica que sempre vos conduza em bom caminho;

Que vos faça estaveis e bemquistas, De indole recta, calma, obediente, sem vaidades, sem tolo pedantismo, o que não é bonito nem decente.

Vós casareis um dia, é natural; vem logo á puberdade o tentamento; nenhum pai se arremete a combater das filhas tão honesto pensamento

O que lhe impõe, porém, dever sagrado é cauto vigilar um tal desejo, para que qualquer astre, que se espera, não tenha a ser desastre algum ensejo

Para casar jamais é necessario, em balcão de janela empoleirada, a moça se *mostrar*, como fazenda nas portas de armarrinho pendurada,

O namora de rua é deshonesto. Quando um moço é de limpa consciencia, não emprega artimanhas; fronte activa, procura na familia ter frequencia,

E clara e dignamente se define, conquista as amizades e a confiança, lançando por tal forma em bases nobres dos projectos que intenta a segurança.

Com o noivo evitai em expansões de grande intimidade entrar mui cedo: o que dos homens vende as ousadias é da mulher o casto e cauto medo,

E' da honra o pudico e rubro encanto, esse broquel sublime da virtude contra o qual a maldade em vão esbate como o malho d'encontro á dura incude

Nem pôde ser fiel, digna consorte, a filha que seus pais tentou trair, que por futeis, mendazes esperanças se deixou fascinar e se illudir.

Quando fordes casadas, aos maridos tributai a mais fida lealdade: os deveres da honra e da virtude crescem na conjugal intimidade.

O mais puro e sublime pensamento que a mulher virtuosa assaz decóra, sem duvida é viver eternamente com quem a fez amada por uma hora.

Deve a mulher casada ser bondosa condescendente, meiga, tolerante, sem mostrar-se amuada ou caprichosa, que dos dois o que cede é o triunfante

Não busqueis por birrentas conseguir o que a brandura dá para vencer; *«é com geito e com tempo (diz o Povo) que vai agua ao moinho e faz moer.*

Disso que por ali se diz — ciumes — procurai repellar as tentações; um intimo viver nunca é feliz, se a duvida penetra os corações.

De ninguém aceiteis, conceitos, que a pessoa melindrem do marido: no casamento a honra é solidaria, tanto quanto é o corpo ao corpo unido.

Mui pouco da mulher pode o trabalho em geral produzir, mas se avalia em grande estimação quanto ela faça por justa e repensada economia,

Pode até gastar muito ser preciso conforme á occasião, mas um vintem quem põe fóra a si furta. Diz o Povo: *«quem esbanja o que tem a pedir vem.»*

Excessos de franqueza são danosos: nada produzem, tudo prejudicam. Os que buscam, *viver á tripa forra dos pais* quase sempre rindo ficam.

Inda uma vez aqui vou relembrar-vos o providente exemplo da formiga, que, por medo da fome em frio inverno, no verão enceleira miga a miga.

Na incerteza cruel desta existencia, sem saber quando acaba e quanto dura, é forçoso com tempo acautelarmos para amanhã as sobras da ventura,

A vida no recato bem passada é melhor que em prazeres consumida, pois estes a dissipam futilmente, aquele a faz sadia e bem nutrida.

Zelai mais do que o vosso o do marido, que o vejam sempre em tudo bem cuidado. Pelo esmero na casa e na familia todo o gabo á mulher é tributado.

Se fordes mães um dia, ó minhas filhas, o que melhor vos posso aconselhar é que de vossa mãe nunca olvidadas façais por seus exemplos imitar.

O que no lance extremo eu vos diria neste meu *testamento* expresso vai Lêde e relêde bem; não achareis quem vol-o diga inutil, se for pai

Minha benção vos dou; e ardentes votos de minh'alma por vós elevo aos Ceus; Por minha vez, ó filhas, vos supplico que por mim, se o mereço, oreis a Deus.

(FIM)

A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

A educação das crianças deve começar desde o nascimento, pois como poderá haver outro período mais próprio para isso, de que aquelle em que não existem outras impressões a serem, primeiro, apagadas?

Se nos primeiros dias permitirmos que as crianças sigam as suas inclinações, quando é que desviaríamos que aprendam a obediência?

Seguramente é melhor ensiná-las a obedecer-vos quando não ha outra lição a ser-lhes offerecida.

Um dos erros mais communs, especialmente entre os paes os mais intelligentes, é esse de imaginarem que as crianças são entes racionais desde o nascimento e de conversarem com ellas como se fossem adultos, mesmo antes de aprenderem a falar. Empregam o raciocínio para educá-las, enquanto todos os outros meios da instrução deviam ser tratados para desenvolver o raciocínio.

O raciocínio é, de todos os poderes humanos, aquelle que, mais tarde, chega á maturidade e que é o mais difficil de dirigir. Assim, falando tão cedo com crianças em linguagem que ellas não são capazes de comprehender, as acostumamos a ser satisfeitas com palavras e renderem a outros a mesma moeda; a criticarem tudo que lhes dissermos; a ser julgarem sábias como seus mestres e se tornarem loquazes e capciosas. Além disso, tudo que imaginamos ganho por motivos logicos, de facto, é obtido só por motivos de medo ou vaidade, que estamos sempre obrigados a lutar com aquelles. Dahi resulta que a maxima paciência paterna enfraquece, e os paes, cansados, desanimados e acabados com o desassossego perpetuo, que elles mesmos criaram, e não podendo mais supportar o barulho de seus filhos, acham-se obrigados a entregá-los aos mestres de escola, como se estes tivessem possuir, em grau maior que os proprios paes, a paciência e bondade necessaria.

A natureza quiz que as crianças fossem crianças antes de se tornarem homens. Se as tratamos de outra forma, produziremos uma fruta forçada, sem sabor, sem madureza, sem durabilidade; produzir-se-ão jovens philosophos e crianças velhas.

A infancia tem meios de ver, pensar e sentir proprios á si mesma; nada é mais ridiculo do que procurar substituí-las pelos nossos.

O raciocínio começa a desenvolver-se somente depois de alguns annos, quando o corpo já tem chegado a certo ponto de seu crescimento.

A intuição da natureza é de fortalecer o corpo antes de exercitar o intellecto. Por isso as crianças estão sempre em movimento. O silencio e o estudo as aborrecem — nem o corpo nem a mente aguentam restrição.

O importante, durante os primeiros annos da infancia, é que se estude a mente das crianças, pois tentando educá-las antes de comprehendê-las, estamos em perigo de estragarmos as boas qualidades da natureza, pondo em seu lugar peores. Como ensina o grande Platão, toda a sabedoria humana e toda a philosophia se-

riam incapazes de extrahir de uma alma aquillo que a natureza não pôz ali, da mesma forma que as operações clinicas nunca poderão tirar, de uma liga de metaes, maior quantidade de ouro do que nella existe. Isso se refere á nossa capacidade de adquirir sentimentos e idéas. Para mudar a mente é preciso mudar a organização interna: para mudar o caracter, deve-se mudar primeiro a índole da qual elle depende. Assim é debalde pretender modelar as diversas mentalidades por um typo commum. O que se pôde fazer é impedir o progresso, retardar o desenvolvimento: isto porém é inteiramente contrario aos fins da verdadeira educação, que procura desenvolver e aperfeiçoar as inclinações naturaes, por forma alguma deixando-as degenerar.

E, assim, pela educação, ficará completa a obra da natureza.

Esse plano de abandonar a educação das crianças nos primeiros annos, á primeira vista pareceria excellente, se não fosse a existencia de um defeito que em grande parte desconta as vantagens esperadas. E' que, por não occupar o terreno com os bons habitos, se permite florescer uma robusta colheita de maus habitos.

Basta estudar as crianças deixadas as suas proprias inclinações: logo apanham todas as faltas de que vem o exemplo. Aos maus exemplos facilmente seguem, nunca imitam a conducta virtuosa, porque custa mais. Acostumadas a receber tudo que querem e ver cumpridos seus propósitos pueris, tornam-se queixosas, teimosas e insubordinadas. Se não houver a disciplina, qual será o remedio?

Felizmente existe uma força irresistivel, — a necessidade.

O maior desejo de todos os paes intelligentes e carinhosos é que seus filhos gozem da felicidade, pelo menos durante esse periodo de infancia e meninice que precede os trabalhos, as responsabilidades e os desgostos da vida do adulto.

Seria cruel impor restricções adicioes ás crianças impotentes que já se acham, pela propria natureza, cercadas por limitações e assim se procura deixá-las em plena liberdade para exercitarem suas pequenas forças e seguirem as inclinações naturaes. Desta maneira ganhamos duas vantagens: primeiro, se afasta da mentalidade infantil a hypocrisia, a vaidade, a raiva e o ciúme, emfim todos os vícios que resultam da escravidão e que não é possível evitar a sementeira pelos esforços empregados em exigir a obediência; segundo, o corpo se torna robusto pelo constante exercicio a que seus instinctos o levam.

A verdadeira explicação do facto que as crianças deixadas ás proprias inclinações geralmente contraem as faltas que mencionamos, é que não estão contentes a se limitar a fazer o que querem, mas procuram obrigar a outros a seguirem tambem a sua vontade. E' essa, infelizmente, a tendencia apoiada pelo amoroso coração paterno. A familia não se satisfaz sem que todos fiquem de accordo com os caprichos dos pequenos. O que, porém, é absoluta-

mente imperativo, é lembrar e reconhecer que as crianças são crianças e, depois, com'ence-as desse facto.

Que creatura ha no mundo mais fravel e mais desamparada, mais á mercê de suas circumstancias, mais precisando da piedade, do amor e da protecção do que a criança? Não é, por essa razão, que os primeiros sons, que a natureza lhe permite, são soluços e lamentações: que ella lhe dera o aspecto tão doce e tocante, para que todos que se approximam della possam sympathizar com a sua fragilidade e apressar-se em seu auxilio? Que pôde haver então de mais revoltante, de mais desnatural do que ver uma criança insubordinada e barulhenta insolente, dando ordens a todo mundo? Desavergonhadamente assumir a attitude de senhor sobre aquelles que, pelo simples abandono, poderiam causar-lhe a morte; e vemos paes applaudirem essa audácia e ensinarem o pequeno a ser tyranno para a ama, até que, afinal, a criança chega a exercer a sua tyrannia sobre os proprios paes!?

Um dos primeiros passos a tomar é de convencer a criança que é impossivel para ella, com essa idade, viver sem o nosso auxilio. Em seguida, não seria muito difficil fazê-la sentir de que, todo o auxilio que está obrigada a receber dos outros, é signal de dependencia e inferioridade, e que, mesmo os serventes, têm uma verdadeira superioridade sobre ella, pois não poderia passar sem o auxilio daquelles, e que, por sua vez não lhes rende nenhum serviço. Tão longe então ficará de sentir orgulho pelas atenções de empregados, que as receberá com uma especie de humilhação, como prova de sua fraqueza e ardentemente desejará que chegue o dia em que estará bastante grande e forte para ter a honra de se servir a si mesma e sentir a primeira independencia.

Esse passo que acabamos de expor é talvez o mais importante e difficil da educação: primeiro, pela differença evidente entre os serviços mercenarios de empregados e a ternura espontanea e voluntaria do amor materno, que não pôde escapar ao instincto de uma criança mesmo muito nova; segundo, as referidas idéas custariam muito mais a se estabelecer em domicilio onde os paes dependem demasiadamente dos serviços dos attendentes; terceiro, pela confusão natural que nasce na mente infantil entre a antecipaçáo de suas verdadeiras necessidades e a gratificação de seus caprichos.

Contudo, como da criança não se exige nada, esta por sua vez não se torna exigente e ninguém manda e ninguém tem que obedecer. A criança recebe, apenas, a mesma consideração e benevolencia dos outros, que para com elles, ella sente. Dahi se crea o estado de confiança mutua: pelo lado da criança, originada de suas necessidades e se evidenciando no respeito e obediencia aos mais velhos; pelo lado dos adultos baseada no amor paterno e se mostrando no bom senso commum e na justiça e imparcialidade de seus actos.

W. S.

QUANTO VALE UMA MULHER

(NARRATIVA DE COSTUMES AFRICANOS)

TINHAMOS acabado de ceiar, na nossa tenda de campanha. Era uma dessas noites africanas, illuminadas pela lua que, como immenso reflector, prateava as folhas do arvoredo e lavava em neve as brancas paredes das habitações distantes. Os soldados, extenuados do labor do dia, para o preparo do nosso arranchamento, dispersavam-se pelo extenso bivac, em grupos, uns algaraviando, outros entoando canções populares da patria distante. Um povoado mouro brilhavam luzes e ladravam cães, por unicos signaes de vida.

A reunião, como todas as noites, era numerosa, em minha barraca. Os officiaes acomodavam-se como podiam, no estreito espaço, uns sentados sobre a cama, outros sobre os caixões de munição. Tagarelavam-se e

Mais um escriptor estrangeiro vamos dar a conhecer ás nossas leitoras. É o escriptor espanhol Luiz Bermudez de Castro. Seu estylo é simples e desataviado. Ha porção dos seus trabalhos uma nota muito curiosa, que é o poder do synthese do que elle diz, para enfiar em quatro phrases, lances sentimentaes de grande effeito, como se vê na ultima phrase do joven mouro, protagonista do conto que damos a seguir.

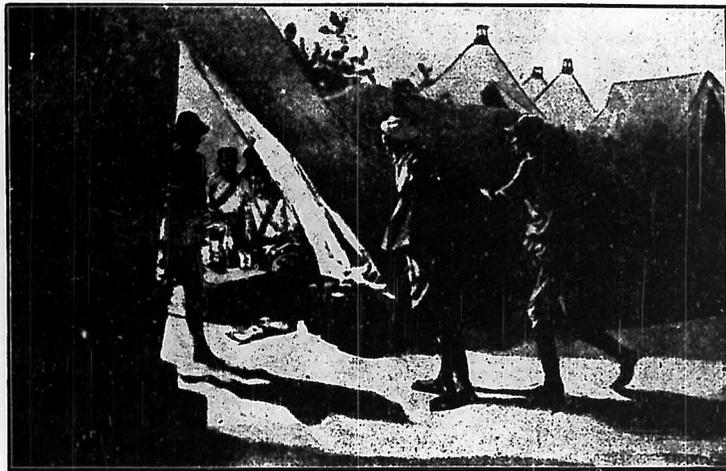
Naquella tarde os dois fugitivos haviam reaparecido e se haviam installado, sem nenhuma vergonha, na casa da mãe do seductor. O velho mouro apressou-se em ir reclamar sua mulher, que lhe custara quarenta duros, e fora recebido com uma valente paulada, que lhe deixara a cabeça a escorrer sangue.

Revesti-me de certa dignidade jurídica e emquanto o fazia curar pelo medico do batalhão, mandei buscar a infiel, ao povoado. Terminado o curativo voltou o mouro á minha presença e logo chegaram a infiel e seu seductor. Com o auxilio do interprete comeci o interrogatorio:

— E' esta a mulher que te roubaram?

— E' ella.

— E' este quem a roubou e quem te feriu?



exgotava-se, ao mesmo tempo, sob o pretexto de sanear a agua, algumas garratas de vinho. Naquellas paginas á agua é a mulher — dizem os paisanos — nunca estão bem, quando estão sós.

A palestra começara por assumptos militares, mas descambara logo para o eterno feminino que, ausente das columnas e do acampamento, fluctuava no entanto sobre elles, como a justificação de todas as bravuras, esperança e premio de todos os heroismos. Fomos interrompidos, em certa altura, por um cabo de uma das linhas avançadas, que tocava por deante, um mouro velho, como de sessenta annos, desmedrado e gibboso, com sangue a escorrer da cabeça ferida. O velho mouro se havia acercado de nossas linhas avançadas e pedira para falar ao chefe da expedição. Vinha pedir justiça e que lhe devolvessem a mulher que lhe haviam roubado.

Sua historia, era quasi uma historia de civilisados. Elle se havia casado um anno antes e a mulher lhe custara quarenta duros de prata. Um mouro, seu visinho, desapareceu um dia, carregando-lhe a mulher.

— Elle mesmo e que Allah me cegue si estou mentindo.

Dirigi-me então ao raptor, muito moço, de uma belleza selvagem e tentadora.

— Roubaste então a mulher de teu visinho e ainda o esbordoaste?

— Esbordoado porque me insultou. Não roubei a mulher; ella me acompanhou porque este homem a fazia trabalhar sem descanso, espancava-a e não lhe dava de comer. Que diga elle mesmo si não está ella mais gorda e mais tratada.

— Que está mais gorda, é bem verdade — disse o velho — mas si eu a espancava é porque ella vivia a conversar com este homem.

— Bem — resolvi eu — quanto a ti, tens que devolver a mulher ao seu dono e quanto á tua ferida — continuei, dirigindo-me ao velho — ella está compensada pelo insulto.

Ficaram os tres sem responder. Pareceu-me que a sentença a nenhum havia contentado. E' bem verdade, de que tambem a mim, ella não contentava, ao lem,

brar-me que só por obediência aos costumes africanos, se podia obrigar aquella pobre moça, a voltar para a companhia daquelle velho repugnante, que a havia comprado. Um olhar supplicante da pobre moça, veio decidir-me a propor uma formula nova e comprehendi então que os olhos das mulheres, quando pleiteam uma causa, falam uma lingua universal:

— Vamos ver — disse eu ao velho mouro — si te restituisses em vez de tua mulher, os quarenta duros que por ella pagaste, ficarias satisfeito?

O velho reflectiu por um instante e respondeu affirmativamente, com a cabeça e com os labios. O joven mouro porém, começou a gesticular e a falar, agitado.

— Que diz elle! — perguntei ao interprete.

— Diz que si pagasse os quarenta duros, daria o valor de quando ella estava magra e sahiria perdendo o que gastou para engordar-a!

A consideração pareceu-me digna de estudo e muito em seu lugar; o joven mesmo continuava a falar.

— Cala-te! — ordenei-lhe. — Em quanto calculas o que te custou para engordar a mulher que amas?

— Ella está o dobro de gorda — disse o joven. — Si der vinte duros ainda saio perdendo.

— Quero os quarenta duros ou então a mulher — exclamou o velho — porque eu a obtive muito barato; ella valia muito mais.

— Eia, vamos acabar com a questão! — disse eu — Divide-se a differença ao meio e termina-se assim a per-

lenga. Receberás trinta duros — disse ao velho — eu te darei ainda os remedios de que precisas.

O joven porém, longe de se alegrar com a sentença, fazia signaes negativos, sem deixar a mão da moura, que tinha entre as suas.

— Então? Não te conformas? — perguntei-lhe.

— Sim, que me conformo... Não possuo mais que vinte duros porém, e vendi tudo o que possuía para os obter. Eis porque não posso offerer mais. Si eu tivesse não quarenta, mais oitenta, cem, o que me pedissem, os daria em seguida, sem hesitar um momento.

Falava o amor. Tirei do bolso dez duros e dei-os ao joven, que com elles inteirou a somma e pagou-a ao velho.

O nosso velho guardou os trinta duros, cruzou as mãos sobre o peito, fez-me tres salamaleques e sahii, renco. O joven tocou-me o hombro com as pontas dos dedos e levou-os aos labios. A moura sorriu, como sorriem as mulheres ditosas, em todas as partes do mundo. E foram-se os dois, felizes, completos, quando tocava o signal da recolhida.

Fiquei só na minha barraca. Atirei-me ao leito. Alguma coisa de indizível ficara boiando no ar.

Via a lua brilhar no ceu muito azul, branca como uma açucena, pura como uma oração...

Luiz Bermudes de Castro

(Adaptação ao portuguez, feita para a Revista Feminina de S. Paulo por D. Berna Marina. Reprodução interdicada, sem a declaração do nome desta Revista.)

Continuação do artigo PRINCEZITA DAS ROSAS.

corações adolescentes, vindos por despozal-a. Mas ninguém conseguia definir o mysterio; iam-se uns, vinham outros, os mais afamados, os mais venerandos, os mais velhos... E a sphinge de marmore branco, avara do seu mysterio, errava nas galerias do paço, coroadas dos jasmims que tinha Ophelia vogando na corrente, em meio dos adornos juvenaes.

Muito, muito havia que ella adoeceira de saudade pelo mundo fabuloso em que primeiro vagara. Era de noite, nos fluctuantes poemas da sombra, quando essas confusas reminiscencias lhes pousavam na ideia, em flocos translucidos, evaporadas talvez do promiscuo sangue que tinha herdado. E uma fatalidade impellia-a para o lago, e dos varandins do paço ella ouvia os murmúrios complexos das ondas, a flor das quaes pareciam divagar as almas do Dante, extaticas sob a fria lua, entre os rumores de todas as sortes de queixumes, ironias, lendas, e psalms do naufragio. Ella a principio não podera recompor no turbilhão de manchas pallidas, que subia da agua, algum perfil ou forma de coisa realçada na terra. Eram vapores escorregando sem ruido, ondulações, galopadas, e monstros, gigantes, mil desconformes braços brandindo ameaça...

Mas lentamente a vista foi-se-lhe acostumando a ler n'aquelle phantastico cyclorama, como n'uma biblia jerogliphada n'alguma idade primeva... e dos confusos nevoeiros sahiram braços, cabeças, gargantas, torsos, cuja nudez entonteceria um sonhador. Cada forma desentrou-se do tumulto geral, viveu de movimento proprio, soube distinguir-se entre os demais. E cil-as enlaçadas ao luar, n'uma ronda que se esgarça pelas arestas da rocha; ou esvoaçando sobre os ventres lividos da vaga inda mais parecem multiplicar as suas figuras e pares.

Captiva por aquella phantasmagoria do lago, a princeza desceu á praia uma noite... o luar vinha nascendo... — diz que uma barca atracará ás escadarias do caes, negra barca de mudos barqueiros, anões com hombros de titans cujos olhos phosphorejavam por baixo de chapéus feitos de grandes cogumellos.

Mas a princeza, a princeza?

Diz que pelas velhas estradas trotam mensageiros anciosos, creanças n'aquelle tempo, hoje velhos de mil annos, que vão perguntando aos viandantes se a viram passar alli. Quanta maior certeza elles teem de não achar quem procuram, tanto mais freneticos precipitam os vãos de seus cavallos esqueletos.

— De certo! De certo! Cada vez o argenteo leque da fria princeza das noites, vai fugindo mais por essas aguas afora. Na foz do rio, os fogos dos barcos picam o mar d'estrelinhas vermelhas. Sonora como um beijo, a ribeira banha de manso, para lá do golpho, os muros dos terraços, onde os alcos alongam as suas lanças de ferro branco, onde ha tufo de peonias gigantes, e os bosques d'oleandro, myrtillos, loureiros e pampans, abrem parasoes murmurantes onde as pombas se agazalham.

E' noite. Iluminados do fundo com clarões de mil tochas, as aguas attingem no lago uma transparencia inaudita, e no enredamento da floresta marinha, surge lá baixo a branca cidade submersa. E' noite. Entanto que a ondina geme no orgão, aquelle grave preludio, fugitivo e languido, que exprime os ardores da sua alma inviolada, e se diffunde no murmúrio das ondas, como uma musica de flauta entre os suspiros do arvoredo.

FILHO DE ALMEIDA

MOVEIS, MOVEIS,
os melhores,
os mais baratos, na

Casa
Primor

J. DE OLIVEIRA COSTA
Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 61
Caixa, 1195 — Telephone, 4905 — S. Paulo

AO TELEPHONE

Tinhamos acabado de jantar. Era a noite de estreia da troupe de Monte-Carlo, na Opera. Dois amigos de meu marido, dos seus antigos amigos de solteiro, haviam jantado comosco, Deviam acompanhá-lo a uma contendação com o ministro do Brasil, sobre um negocio de café. Fora o que meu marido me explicara a desculpá-lo-se:

— É um ferro, esta coincidência! Quería levantar-me á Opera. O diabo do Ministro lembrou-se de só hoje conceder a entrevista que ha tantos dias lhe pedimos.

— Enquanto meu marido o seus amigos accendiam os charutos, fui buscar o sobretudo e a cartola que elle me pedira.

Ao voltar, algo de interessante me fez estacar, com a mão no reposteiro:

— Vocês fazem muito bem de não casar! — dizia o meu marido. — E' uma seca!

— Que blasphemia! Com uma mulher encantadora como a tua!... disse um dos seus amigos.

E' que voces ainda não conhecem a bai/arina! Vão vel-a esta noite!

— Creio!

— disse o outro amigo...

Mas não comparemos. Tua mulher é...

— E' um gato morto, perto da outra!

— Mas é uma mulher que te ama, que vive para ti...

— E a outra? — interrompeu meu marido — Ama-me ainda mais apaixonadamente.

Telephona-me duas, tres vezes por dia.

— Para aqui? Para tua casa?

— Para o escriptorio, para aqui...

— E tua mulher não descuida?

— E' uma tolinha! — respondeu meu marido, a rir — Quando ella está perto, digo-lhe que é um dos meus agentes, da Companhia de Frigorificos e ella acredita! Ah, é uma santa creatura!

Um riso succedea as suas ultimas palavras; um riso e a campainha do telephone.

— Deve ser ella! — disse meu marido.

Levantei o reposteiro e entrei. Meu marido estava agarrado ao phone. Pela sua physiognomia, acompanhei o dialogo.

1 — Estava pensando em ti. — Uma lastima que a nossa entrevista com o ministro a prive de ir á Opera, com seu marido.

O outro, estendeu-me igualmente a mão, enquanto meu marido vestia o sobretudo a exclamar:

— Felizmente que minha mulher comprehende seus deveres de esposa. E' um anjo!

— E' voce é um demónio! — contestou-lhe um de seus amigos. — Ainda ha pouco, minha senhora, dizia seu marido que o casamento é uma seca para os homens!

— Não creias! — retorquiu meu marido carinhoso. — E' uma brindeira. Bem sabes que a vida sem ti, me seria impossível!

E beijou-me para sahir.

— Para nós — contestei-lhe eu, a vencer um certo nó de garganta que não ha mulher que não conheça — o casamento é uma delicia! E' pena que o Brasil tenha tantas legações...

— conclui, tentando sorrir para esconder a minha perturbação.

Riram-se todos, ja na porta. Ouvi ainda a voz de um dos amigos do meu marido, no corredor:

— E' um anjo tua mulher!

— E' uma tonta — contestou meu marido — mas para o casamento é o que convem!

(Para a Revista Feminina)

Marianna L. Vaivret



O QUE UMA BOA DONA DE CASA DEVE SABER

(CONTINUAÇÃO)

Algumas observações.

Não deve molhar-se o pão no molho, com os dedos, mas pôde-se molhar em pequenos pedaços que se espetarão com o garfo.

Quando não mudarmos de talher após cada serviço, é indispensável que delle mudemos depois de comido o peixe; para este uso ha bonitos talheres especies, constando de fôrca de lamina larga e muito chata e garfos de lamina curta com tres dentes.

O dono e a dona de casa devem ficar vis-avis um do outro o lugar de honra para uma senhora é a direita do dono da casa, o da esquerda é do segundo lugar.

Para os homens, o lugar de honra, é a direita da dona de casa o primeiro lugar, o segundo a esquerda. A cade e as posições servem de guia para a distribuição dos lugares.

A senhora collocada á direita do dono da casa é servida em primeiro lugar; em seguida serve-se a que estiver á esquerda, continuando a servir-se as senhoras por ordem de precedencia; o cavalheiro que estiver á direita da dona de casa é também o primeiro a ser servido; em seguida servem-se os outros por ordem de precedencia. O dono de casa deve ser o ultimo a ser servido.

É uma falta de delicadeza gábar os vinhos ou as iguarias que se succedem na mesa, do mesmo modo que é inconveniente mostrar falsa modestia dando lugar a ser elogiado pelos convivas.

A dona de casa deve evitar com cuidado, o fazer notar qualquer falta, devendo occupar-se de todas as cousas sem mostrar que faz nella reparo. O contrario seria fazer notar que o porte á sua mesa, n'esse dia, é diferente do que n'ella se mantem nos dias ordinarios.

Os creados devem servir de casaca preta e gravata branca, devendo calçar luvas brancas de algodão.

Os vinhos deitam-se nos copos pela direita: os fins, bem entendido, porque o vinho ordinario, assim como a agua, são offerecidos pelos convivas ás senhoras que lhes ficam ao lado.

O cavalheiro deve deitar agua ou vinho no copo da senhora que lhe fica proximo pois seria uma falta de correção impedir-lhe o deixar de fazel-o.

Tambem é preciso que o creado traga na mão esquerda um guardanapo pequeno e fino para deter as gotas de vinho que iriam manchar a toalha na occasião de servir o vinho nos copos.

Nas refeições de cerimonia, ha creados expressamente encarregados de servir a agua e o vinho ordinario.

Os creados devem dizer o nome de cada vinho, em voz baixa e bem distincta, a cada conviva. O calçado dos creados deve ser leve e seu andar não deve fazer ruido.

Não devemos recusar a servirmo-nos em primeiro lugar, desde o momento em que a dona de casa nos passe o prato, nem tão pouco indicar, por qualquer gesto, que não somos dignos de tal honra.

É permitido recusar um ou muitos pratos mas a dona de casa não deve insistir em que nos sirvamos delles. Pode-se deixar de comer toda a comida que está em nosso prato e deixar de beber todo o vinho de nosso copo.

Uma senhora tem direito á deferencias e attentões que deve aceitar com simplicidade e naturalmente mostrando-se amavel e reconhecida.

Se quizermos nos servir de um prato que se ache afastado faremos signal ao creado que nolo o traga ou pediremos á pessoa que esteja ao nosso lado, a fim de nolo-o passar.

Deve-se comer sem ruido e beber pouco de cada vez, sem pressa, e limpar os labios, logo que se colloque o copo sobre a mesa.

É preciso comer e beber com moderação para que não se fique com as faces congestionadas; deve-se ficar com o espirito livre e o corpo bem disposto.

O café e o chá devem beber-se a pequenos goles e pela chicara, não o deitarem no pires seja sob que pretexto for.

Quando for servido um prato que nos for desconhecido, devemos esperar que algum principio a comer e com um simples olhar nos certificarmos se devemos ou servir de garfo ou de colher.

Não devemos chamar de um para o outro lado da mesa, nem rir, ou conversar com os creados.

Quando a refeição houver terminado, e que não haja conversação entre os convivas, a dona de casa levantar-se-ha, pousar o seu guardanapo, não dobrado, sobre a mesa e tomará o braço de seu primeiro convidado. Na volta ao salão é ella que passa primeiro. Os outros convidados seguem-na pela mesma ordem que entraram.

Fecham-se immediatamente as portas da sala de jantar e levantase a mesa, o que se deve fazer sem tirar as luvas, recolhendo os talheres em uma cesta que traga um guardanapo grosso no fundo, para evitar o ruido dos choques.

Os serviços devem cuidar que durante a refeição não fique vazio um unico copo e que a algum conviva falte pão.

Dentro de pouco tempo a sala de jantar deve estar de novo arranjada e arejada, abrindo o creado a porta completamente.

A roupa da meza para os jantares de importancia, deve ser em bom e muito fino adorno. Os guardanapos devem combinar com a toalha, e devem ter no meio bordadas as iniciais da familia e o brazão, caso o haja. Os guardanapos pequenos guarnecidos de renda, põem-se sobre os pratos de sobremesa. Podem ter diversas formas, serem de quaisquer tecidos, bordados em seda de côr, ou incrustados de rendas caras.

Os millionarios americanos empregam as redondellas de pratos ou de copos inteiramente tecidas de renda de Alençon, de Inglaterra, *vieux point de Venise* ou renda de *point de Venise siche*.

Quando nos levantarmos da mesa devemos deixar o nosso guardanapo dobrado, junto do nosso prato.

O QUE AS MOÇAS DEVEM SABER

II

O fim da educação física é fazer de cada um um instrumento que se dobre facilmente ás necessidades da alma.

Item comprehendida, esta educação tendo a assegurar ao corpo, pelo exercicio, as multas emulções possiveis de força e de saúde. O uso de certos orgãos produz um acrescimento, a uns dos outros orgãos produz um desequilibrio; a balança deve ser mantida igual entre estes resultados.

Deverem alimentar os orgãos que sustentam a vida antes de utilizarmos os que proporem um desperdicio de força nervosa.

Um grande numero de pessoas languem que a cultura phisica consiste na formação de musculos grossos. É um erro. Podem desenvolver-se os musculos até já não terem força vital interna para supportar o seu peso. Se conseguirmos estabelecer o equilibrio entre os orgãos que armazenam a força e os que a gastam, manter-nos-hemos com saúde.

O melhor exercicio é o que mantém o espirito num estado agradável. Os trabalhos casueiros fornecem uma boa somma de exercicio. Se forem executados com prazer, são muito salutaris. Assisi não ha muito tempo a uma palestra feita por uma senhora nova, cujo vestuario revelava uma alta posição social. Trazia luvas de pelle branca, um lindo chapéu guarnecido de flores e vestia um elegante vestido, dorramando em torno de si uma atmosphera de repositiva e felicidade.

O titulo de sua palestra era: *Gymnastica em casa*. Suppoz que consistiria numa descripção de aparelhos de gymnastica de quarto, mas ellees pressa desceu do cavallo por este titulo os deveres domesticos. Disse-nos ella: limpando a mesa se faria o melhor exercicio para os braços e peito, fazendo no mesmo tempo um movimento, pela sua limpeza, agradável a vista. Fez-nos notar que esfregando o soalho, se faziam os mesmos movimentos que num leito de gymnastica e que este exercicio não é somente aproveitavel a quem o faz mas ao hem estar de toda a familia. Fallou do varrer, do limpar o pé, da maneira de fazer as camas, ajuntando que ella propria fazia estes trabalhos. Disse por fim que se não sentia melhor senhora quando limpava sua cozinha, e não se sentia envergonhada se uma de suas amigas a surprehendia a fazer este trabalho.

Quando sentia a campulha da vista, ponia um avental limpo e ia abrir. Depois diz-lhe sem hesitação em que tarefa estava occupada, assegurando-lhe no mesmo tempo que estava contente de a receber.

Esta especie de gymnastica é para recomendar a todas as moças se a fizerem com prazer, obterão um bom estado fisico e contribuirão para o conforto de toda a familia.

Faremos mais tarde dos *spas* e jogos que podem tambem fornecer ao corpo um exercicio salutar.

D. D.

PRESERVATIVO DE MOLESTIAS

A essencia de canella é um desinfectante poderoso e de aroma agradável. Pingam-se 18 gotas numa jarrafa, pôde-se meio copo de espirito de vinho para diluir e enchese-se de agua. Usa-se este preparado para lavar o rosto as ventas e escovar os dentes.

Põe-se uma colher de espumante em um copo de agua para os dentes, e duas a tres facia de rosto. Preserva de muitas molestias contagiosas, sendo que a influenza não apparece se quem faz uso mesmo que passe a um do doente. É muito bom para passar nos moveis e soalhos dos quartos de doentes sobretudo de typho.

ODERFLA

Do Sr. J. de Barros recebemos algumas calxilhas de Oleria, um novo preparado que achamos de lançar no mercado, para lostrar as unhas. É um pó de côr creme puro e inoffensivo. Agradecemos a delicada oferta.

MUSICA

A Exma. Srta. I. Andrade Maia, de Santos teve a amabilidade de offerecer-nos uma linda valsinha para piano, composição sua, e que sob o titulo *Gloria* dedica ao seu esposo Sr. Alfredo Maia,

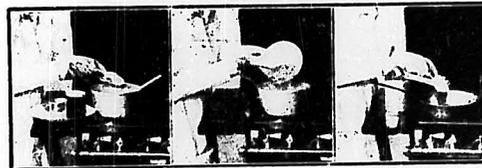
O MENU' DE MEU MARIDO

CROQUETTES

- 3 Chleiras de carne molida
- 1 Colherinha de cebola picada
- 1 colher de salm
- 1 colher de farinha de trigo
- 1 colher de leite
- Sal
- Pimenta



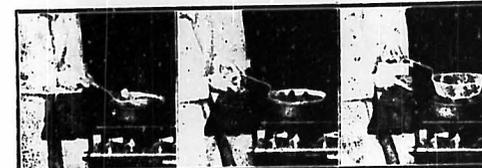
Passe a carne na machina Junto o cheiro verde



Ponha na cagrola a manteiga, a farinha, o leite como para fazer um molho branco Ferva 1 minuto e junte a carne Deprata a gordura numa frigideira



Tire a carne do fogo e Passe os croqs em far. de biscoito e depois em ovos batidos e 2.a vez em far. de biscoito



Experimente o calor da Quando a manteiga em 1.ª gordura com um pouco de minuto flear escurea ponha os croquettes Frita-se 1 minuto e escorre-se



1) Seque em papel pardo para tirar excesso de gordura

2) Enfeite com salsa verde

A BELLEZA FEMININA

◁ ○ ▷

TODA a mulher deve ser bella na medida do possivel. A belleza feminina não é apenas um factor importante da felicidade conjugal.

A formosura da mulher é tambem um beneficio social. Quanto mais bella mais forte é a mulher. As sociedades onde as mulheres tem mais influencia são as mais delicadas, as mais benevolas, as mais humanitarias, as menos materialistas. A arte deve tudo á mulher. É difficil saber se foi a esculptura grega que immortalizou as mulheres da Grecia ou se foram as mulheres servindo-lhe de modelos que a immortalisaram.

A arte só se inspira na belleza, e a belleza da mulher foi e sempre ha de ser a força que mais agita os destinos humanos.

A mulher não tem a obrigação de ser bella, mas tem o dever de zelar os seus encantos como o homem tem o dever de zelar a sua energia, a sua força e a sua actividade.

Dirão nossas leitoras, não é a belleza condição indispensavel á existencia da mulher, e nem deve a belleza constituir a sua unica, a sua absorbente finalidade na vida.

De accordo. Mas a belleza é sempre um beneficio, que longe de prejudicar a virtude, a enfeita e adorna.

Nem todas as mulheres são bellas, mas na mulher ha sempre qualquer cousa bella, que convem cuidar, preservar dos estragos do tempo e da ruina precoce.

Uma mulher completamente bella é rara assim como é rara uma mulher completamente feia. Pode-se crear a belleza, no sorriso, no olhar, na altitude, no gesto, na voz. A expressão é uma segunda belleza. Frequentemente se veem mulheres pouco bonitas que conseguem ser fascinadoras.

Não só a belleza se aperfeioa e desenvolve, mas ás vezes se adquire.

A mulher que quer ser bella ou parecer bella a primeira cousa a aconselhar, é que trate de sua saúde. Toda a doenca é inimiga da belleza. A belleza tambem adoce, tambem tem as suas enfermidades.

Mulher, se queres ser bonita, tens que ser saudavel.

Uma mulher doentia, pallida, fragil, pôde inspirar a sympathy, um sentimento de ternura, uma affeição passageira.

Mas nada pôde substituir o poder dominador, a influencia suggestiva da saúde, o magnetismo mediante da alegria.

A saúde attrahe, fascina, provoca o amor. Um rosto lindo, mas exprimindo dor, apenas causa dó.

Pode parecer uma revelação de cruel egoismo esta predilecção pela saúde. Mas é natural e legitima. O Mundo é dos que tem saúde.

(Continúa)

DE TODO O BRASIL...

(Chamamos a atenção dos nossos anunciantes para a difusão da nossa Revista)

É cada vez mais animador o movimento de entusiasmo que se nota em todo o Brasil a favor de nossa Revista...

O dr. Atalberto Passos, distinto medico em Mandios, escreve-nos pedindo uma assignatura para d. Anna de Freitas Passos...

O sr. Joaquim Augusto de Sant'Anna, de Goyaz, assina a Revista e lhe manda postal de 28800 para d assignaturas da incomparavel Revista Feminina...

A extra. sr. d. Ornelio Janglez de Souza, distincta dama jahense, é outra senhora que com verdadeiro carinho está secundando nossos esforços...

De d. Maria Luiza Krüger, de Santo Angelo nas Missões, Rio Grande do Sul é raro o correio que não recebamos carta e sempre acompanhada de assignaturas...

D. Jolyta Faria, Carmo do Rio Claro, Minas, assim nos escreve: 'Venho hoje, alegre, lhe remetter uma assignatura para a sr. Fluvia Lemos Leite, da nossa sempre querida Revista'...

D. Alzira Lygia, distincta professora do Grupo Escolar 'Vila Maueco', de Santos, escreve: 'Com muita satisfação envio-lhe um segundo pedido de assignatura da Revista Feminina'...

D. Anna das Santos Ferreira, Cavalheiro, Estado de Goyaz, assim nos escreve: 'Por esta envio 148000 para duas assignaturas da interessante Revista Feminina'...

Mlle. Jens Clair, de Alfenas, Minas, enviou-nos mais tres assignaturas: Carmelita Corinhão, Marieta Leite e Louisa Crovet.

D. Maria Alves, de Lima Duarte, Minas. 'São hoje tive o prazer de ler a sua revista, agradeo-me tanto, que não posso por mais tempo abster-me do prazer de assignar-lhe e assim envio 78000 para que me conte no numero de suas assignaturas'...

D. Onofrina Soares Cayle, Machado, Minas: 'Apresento-lhe as minhas saudações, desejando as maiores prosperidades a nossa muito interessante Revista'...

D. Anália Ferreira de Azevedo, de Rita Rita de Cassia, Minas, escreve-nos: 'Tenho o grato prazer de dizer-lhe que é sempre com alicandicia que espero a apreciadissima Revista Feminina, da qual sou grande admiradora e propugnadora'...

218000 em vale postal para tres assignaturas para as seguintes senhoras: Prudentina de Azevedo Barros, Ernestina Conceição de Mello e Hermila de Mello Pinto.

D. Cecy Abreu, do Maranhão, escreve-nos pedindo o n. 14 da Revista e assim conclue: 'Conheci essa illustada revista quando foi publicado o n. 10 e desde então tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assidua'...

D. Julieta Barbosa Pompeo, de Alvorá, E. Ferro S. Paulo Goyaz, escreve: 'Envio saudações e cumprimentos pela imensa necellatão que tem tido a nossa esplendida e querida Revista'...

O Sr. Francisco Coutinho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: '... e queira remetter tambem o n. 14 do anno 2.º de nossa brilhante e concellada Revista. Venho dar este incommodo a V. Excia. porque involuntariamente perdi aquelle exemplar e é meu desejo colleccional-os todos'...

A Sra. Maria Leonor Correia Netto Barreto, de Pernambuco, escreve-nos por uma amiga, que o numero de Março de 'Revista Feminina, esteve doversas interessante e de grande utilidade para o trabalho de D. Bêbé de Mendonça Lima, venho sollicitar a Illustrada Redacção, pois justamente esse numero não me chegou até as mãos'...

Achava bem que a 'Revista' tivesse aqui uma correspondente; sob esse titulo, a nossa correspondente, sob esse titulo, a nossa correspondente, sob esse titulo, a nossa correspondente...

A Exma. Srta. Julieta de Figueiredo Costa, esposa do distincto medico Dr. Gerardo Costa, de Bragança é uma outra senhora que está interessando pela nossa Revista. Escreve-nos: 'Exma. Srta. D. Virgínia de Souza Salles, Cordense saudações. Venho hoje renovar a minha assignatura da Revista Feminina, que dei de fazer a mais tempo, por estar de viagem'...

D. Andréa, Bragança, E. S. Paulo, e a Sr. D. Guaraciaba do Carmo Marinho, Jahu, E. S. Paulo. Sem mais, subscreevo-me com muita estima e consideração de sua excia. J. de F. J.

Mme. Jayme Machado, de Santos, escreve-nos: 'Desejando colleccionar a Revista Feminina, e como perdi o numero de Março de 1910, envio-lhe a assignatura'...

O Dr. João de Castro, actualmente em Pocos de Caldas, em estação de aguas, escreve-nos: 'Desejando tomar uma assignatura anual, e começar de Maio, da Revista Feminina, sob sua direcção, remetto um Vale-Postal, da quantia de sete mil réis, pedindo o favor de dirigir para Dr. João Angel de Castro, Rua Conde de Bomfim, 719 (Muda da Tijuna) Rio de Janeiro'...

P. S. - Ficarei sumamente grato si quiser remetter, para nossa residência, no Rio de Janeiro, um exemplar do Adulus. Dr. J. G.

Recibemos mais assignaturas dos seguintes: d. Anaello L. de Souza Coelho, Araxá, Minas - Exallino Campion, Sete Lagoas, Minas - Carolina Motta de Albuquerque, Rio José Augusto Gomide, Nepomuceno, Minas - Fernando de Barros, Estação do Pantano - Liberta Gomes de Souza, S. Joaquim da Gramma, Estado do Rio - Maria Elisa de Jesus, Brotas - James Ferno, Rio Claro - João Chagas Moraes, Pedreiras - Gisela de Alon-

car Guimarães, Jaguariúva, Paraná - Ceila Vas de Lima, e José dos Santos - Rita Ferreira Leite, Bragança - Padre João Soares, S. Sebastião das Correntes, Minas - Joaquim Rocha Junior, S. Bento - Rosa F. Silva, Leocadia Santos, Lucia de Souza Pedroso, M. M. Soares, Leudovina Corollano, Anna de Freitas Paivaes e Iaura C. Lima, do Mandios, E. Amazonas - J. Maria dos Olivares, Gravata, Pernambuco - Hildefonso Alvares, Santos - Regina Gonçalves, Pouso Alegre, Minas - Alina de Andrade Lopes, Tremembé - Guilherme Elbert, Orleans, Santa Catharina - Florentino Kannebyle, Annapolis - Alcina Lima de Freitas, Aracaju, Minas - Theverson de Carvalho, S. Sebastião do Paraizo, Minas - Francisco da Silva Monteiro, Amparo - Abilio Barbosa, Capitul - Matilde Guimarães, Rio Claro - Eudina Eudoxia Ferraz, Itá - Maria Cruz Moraes, Palmeiras - Amorim Martins Prates, Theophilus Ottoni, Minas - Raul Silveira Martins, Bonine - E. Contarito, S. Caetano - José Roxo, Villa Olympia - Ottilia S. Ribeiro, Uruquyana, Rio G. do Sul - Joaquim Fogaça do Almeida, Ipanema - Euzeneca Junqueira, Ribeirão Preto - Alzira Martins, Santos - Lycio Lima, Rio de Janeiro - Julieta Neves, Villa Costina - Synodio Faria de Moraes, Rio de Pedro - Isabel de Carvalho, Jaguaray, Minas - Carmelita do Almeida Prado, Capitul - Octavio Pereira, S. Sebastião do Paraizo, Minas - Eunycy de Oliveira, Rio de Janeiro - Carmen de Oliveira, Botucati - Octavio de Paiva Bueno, Ouro Fino, Minas - Rosa de Oliveira, Sorocaba - Maria Scarpia Bello, Sorocaba - José Morato Castanho, Itá - Sebastiana Machado de Campos, Limeira - Imme. Amarante Cruz, Capitul - dr. Eurico Barbosa Lima, Pinhalzinho - Maria Nunes de Noronha, Caxambú - Emilia Walter, Botucati - Joaquim Souza Almeida, Capitul - Julia Lange Andre, Limeira - Idalco Valença, Edmarcos, Pernambuco - Dr. Joaquim de Siqueira, Salles Oliveira - Nicotia Bayeux, Capitul - Alzira Barnsley, Capitul - Leonor Novais - S. Carlos - Gabriela Novais - S. Carlos - Francisca Novais de Oliveira, Jaboticabal - Dr. Bernardo de Campos, Capitul - Evangelina Novais, Jaboticabal - Agnes de Oliveira - Graciela Porto, Capitul - Mario Guimarães Conto, Capitul - Luiza Pessanha de Camargo, Arraquarem - Maria Maria Bello, Queluz, Minas - Maria Luiza Guimarães, Carmo, E. do Rio - Candido Perez, S. Carlos - D. M. Silva, Cortiça - Judith Facchini, Capitul - Mario P. Netto, Porto Alegre - Ceila Lopes de Araújo, Porto Alegre, Rio G. do Sul - Adeilande Maw, Guapirã - Matilde Neme, Franca - Amarelina Santos - Bauré - Dulce Botelho Junqueira, Leopoldina, Minas - Adellina Prado, Itatinga - Maria Justina Marcondes, Paratybuna - Virgínia Silva, Passo Fundo, E. do Rio - Aurelio Sobello, Capitul - Daniel Duarte Diniz, Caico, Rio G. do Norte - Maria Conceição Mathias, Campina - Sebastião Pinheiro, Campina - Joaquim Penteado, Estação de Pedreira - Noemia de Oliveira, Capitul.

Carlosidades literarias. - Consta que os livros mais editados do mundo são: 'A Cabana do Pae Phozas' e o 'D. Quixote da Mancha'. O que porém bateu verdadeiro record das edições foi o 'Livro da Fortuna'...

CASA DOLIVAS (Fundada em 1880) J. Azevedo & C. proprietarios da casa Dolivas, concessionarios das loterias do Estado de S. Paulo e sub-agentes das loterias Federaes...

Os pedidos de loteria devem ser dirigidos a J. AZEVEDO & COMP. 10 - rua Di-eila, 10 - Caixa, 26 S. PAULO

GENIOS?

Não; estudo e trabalho!



Não creia que o surpreendente exito dos Estados Unidos é devido a que os norte-americanos sejam genios extraordinarios, não; este resultado é devido unicamente a que elles, mais que ninguém, têm reconhecido a importancia vital da educação...

Existem nos Estados Unidos poderosas forças sociais que impellem o individuo para frente, que o impulsionam ao triumpho. Entre as mais activas destas forças se contam as Escolas Internacionais de Scranton...

Não deixe passar esta oportunidade, estude em nossas escolas. Não é necessario para isso que vá aos Estados Unidos, nem tão pouco que aprenda o Inglez para estudar nossos cursos técnicos. Não necessita sair de sua casa, visto que as Escolas lhe ensinarão aqui mesmo por correspondencia...

ESCRITORIOS NO BRAZIL

SÃO PAULO Rua Onze de Agosto, 9-A Caixa Postal 945



RIO DE JANEIRO Avenida Rio Branco, 117 Caixa Postal 382

quer precisa ter muito dinheiro, porquanto pode pagar o seu curso em prestações muito modicas.

Decida-se, pois, sem perda de tempo, a aproveitar-se das oportunidades que lhe traz mesmo as portas de sua casa, a educação norte-americana. Sejam estas linhas a mensagem que lhe abra as portas de um brilhante futuro.

Vejá o que homens illustres, aqui mesmo da America do Sul, dizem acerca de nossas escolas. O Lente de Chimica Aplicada a Industria, da Universidade do Chile, que é tambem membro da American Chemical Society e da Sociedade de Chemie-Physique de France, disse o seguinte:

Visitei as Escolas Internacionais e examinei muito minuciosamente cada departamento e estudei seus metodos de ensino por correspondencia. Creio que a adaptação deste sistema aos paizes latino americanos será uma das forças sociais mais poderosas que contribuirão para o desenvolvimento economico e moral da America Latina.

Visitei as Escolas Internacionais e examinei muito minuciosamente cada departamento e estudei seus metodos de ensino por correspondencia. Creio que a adaptação deste sistema aos paizes latino americanos será uma das forças sociais mais poderosas que contribuirão para o desenvolvimento economico e moral da America Latina.

So tenho palavras as mais lisongeiras para recomendar a International Correspondence Schools. O curso é pratico, é consciencioso e é barattissimo. Espero que V. S. com o seu esforço intelligente consigam alargar immensamente o campo de acção de tão util instituição entre nós.

INTERNATIONAL CORRESPONDENCE SCHOOLS

(Escolas Internacionais) de SCRANTON, Pa., U. S. A. Caixa Postal 945 - SÃO PAULO, BRAZIL

Queriam encaminhar todos os dados referentes ao systema de S. para o ensino do curso em hespanhol. Temos mais de 300 cursos em Ingles.

- 1 Topografia e desenho topografico
2 Geometria de Perspectivas
3 Alumbração e Transmissões Electricas
4 Alumbração Electrica
5 Transmissões Electricas
6 Dinamos e Motores
7 Distribuição Interior
8 Desenho de maquinas
9 Commercial Completo
10 Mecanografia e Taquigrafia
11 Contabilidade
12 Manuseio de las Instalaciones de Vapor e Electricas
13 Manuseio de las Instalaciones de Vapor
14 Manuseio de Maquinas de Vapor e Dinamos
15 Manuseio de las Maquinas de Vapor
16 William Mitchell para el Manuseio de las Frenas de airo
17 Idioma Ingles
18 Idioma Francés

Nome
Rua e N.
Cidade
Estado

Castellões - Olga - Gioconda e Luiz XV são os melhores cigarros

DE TODO O BRASIL...

(Chamamos a atenção dos nossos anunciantes para a difusão da nossa Revista)

Em cada vez mais animador movimento de entusiasmo que se nota em todo o Brasil...

O dr. Astrolabio Passos, distinto medico em Mandios, escreveu-nos pedindo uma assignatura para a Anna de Freitas Passos...

O sr. Joaquim Augusto de Sant'Anna, de Goyaz, assim diz: Junto um vale postal de 288000 para 4 assignaturas da Incomparavel Revista Feminina...

A sena. sra. d. Ornella Jaguez de Sousa, distincta dama bahiense, e outra senhora que com verdadeiro carinho está secundando nossos esforços...

Do sr. Joaquim Augusto de Sant'Anna, de Goyaz, assim diz: Junto um vale postal de 288000 para 4 assignaturas da Incomparavel Revista Feminina...

A sena. sra. d. Ornella Jaguez de Sousa, distincta dama bahiense, e outra senhora que com verdadeiro carinho está secundando nossos esforços...

Do sr. Joaquim Augusto de Sant'Anna, de Goyaz, assim diz: Junto um vale postal de 288000 para 4 assignaturas da Incomparavel Revista Feminina...

A sena. sra. d. Ornella Jaguez de Sousa, distincta dama bahiense, e outra senhora que com verdadeiro carinho está secundando nossos esforços...

Do sr. Joaquim Augusto de Sant'Anna, de Goyaz, assim diz: Junto um vale postal de 288000 para 4 assignaturas da Incomparavel Revista Feminina...

A sena. sra. d. Ornella Jaguez de Sousa, distincta dama bahiense, e outra senhora que com verdadeiro carinho está secundando nossos esforços...

Do sr. Joaquim Augusto de Sant'Anna, de Goyaz, assim diz: Junto um vale postal de 288000 para 4 assignaturas da Incomparavel Revista Feminina...

A sena. sra. d. Ornella Jaguez de Sousa, distincta dama bahiense, e outra senhora que com verdadeiro carinho está secundando nossos esforços...

Do sr. Joaquim Augusto de Sant'Anna, de Goyaz, assim diz: Junto um vale postal de 288000 para 4 assignaturas da Incomparavel Revista Feminina...

A sena. sra. d. Ornella Jaguez de Sousa, distincta dama bahiense, e outra senhora que com verdadeiro carinho está secundando nossos esforços...

Do sr. Joaquim Augusto de Sant'Anna, de Goyaz, assim diz: Junto um vale postal de 288000 para 4 assignaturas da Incomparavel Revista Feminina...

A sena. sra. d. Ornella Jaguez de Sousa, distincta dama bahiense, e outra senhora que com verdadeiro carinho está secundando nossos esforços...

Do sr. Joaquim Augusto de Sant'Anna, de Goyaz, assim diz: Junto um vale postal de 288000 para 4 assignaturas da Incomparavel Revista Feminina...

A sena. sra. d. Ornella Jaguez de Sousa, distincta dama bahiense, e outra senhora que com verdadeiro carinho está secundando nossos esforços...

Do sr. Joaquim Augusto de Sant'Anna, de Goyaz, assim diz: Junto um vale postal de 288000 para 4 assignaturas da Incomparavel Revista Feminina...

A sena. sra. d. Ornella Jaguez de Sousa, distincta dama bahiense, e outra senhora que com verdadeiro carinho está secundando nossos esforços...

Do sr. Joaquim Augusto de Sant'Anna, de Goyaz, assim diz: Junto um vale postal de 288000 para 4 assignaturas da Incomparavel Revista Feminina...

A sena. sra. d. Ornella Jaguez de Sousa, distincta dama bahiense, e outra senhora que com verdadeiro carinho está secundando nossos esforços...

Do sr. Joaquim Augusto de Sant'Anna, de Goyaz, assim diz: Junto um vale postal de 288000 para 4 assignaturas da Incomparavel Revista Feminina...

218000 em vale postal para tres assignaturas para as seguintes senhoras: Prudentina de Azevedo Barros, Ernestina Conceicao de Mello e Hermilia de Mello Pinto.

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

car Guimarães, Jaguarihyva, Paraná—Colla Vaz de Lima, S. de J. de Campos—Rita Ferreira Leite, Braganca—Padre José Soares, S. Sebastião das Correntes, Minas—Jonquim Rocha Junior, S. Bento—Rosa F. Silva, Iguatu—Lúcia de Souza Pedroso, M. M. Soares, Leodolina Corollano, Anna de Freitas Pinares e Isaura C. Lima, do Alagoas, E. Amozes—J. Maria do Oliveira, Itaboraí, Pernambuco—Hederson Alvares, Santos—Regina Gonçalves, Poiso Alago, Minas—Albina de Andrade Lopes, Tremembé—Gulherme Elbert, Orleans, Santa Catharina—Florentino Kannebly, Annapolis—Alicia Lima de Freitas, Aracaju, Minas—Theuzina Gouvea de Carvalho, S. Sebastião do Paralo, Minas—Francisco da Silva Monteiro, Amparo—Abilio Barboza, Capital—Mathilde Guimarães, Rio Claro—Bianchi Eudoxia Ferraz, Itá—Maria Cruz Moraes, Palmeiras—Amovin Martins Prates, Theophilo Otoni, Minas—Raul Silveira Martins, Itanópolis—E. Couland, S. Caetano—José Roxo, Villa Olympia—Othilia S. Ribeiro, Uruguanaya, Rio G. do Sul—Jonquim Fogaça de Almeida, Ipanema—Eugênia Juazeira, Ribeirão Preto—Alzira Martins, Santos—Lycio Lima, Rio de Janeiro—Julia Neves, Vila Costina—Synelso Paes de Barros, Bica de Pedra—Isabel Maria de Carvalho, Jaguaru, Minas—Carmelita do Almeida Prado, Capital—Octavio Pereira, S. Sebastião do Paralo, Minas—Eunice Gouvea, Rio de Janeiro—Przem de Oliveira, Botucati—Octavio de Paiva Bueno, Ouro Fino, Minas—Rosa de Oliveira, Sorocaba—Maria Sampa, Zelândia—Heleno de Maria José Morato Castanho, Itá—Sebastiana Machado de Campos, Limeira—Alme. Amarante Cruz, Capital—dr. Eurico Barboza Lima, Pindamonhangaba—Maria Nunes de Korouba, Caxambú—Emilia Walter, Botucati—Joquim Souza Almeida, Capital—Julia Langlo Andreia, Limeira—Júlio Valença, Palmeiras, Pernambuco—Dr. Joaquim de Siqueira, Sales Oliveira—Nicota Bayey, Capital—Alzira Barnisey, Capital—Leonor Novas, S. Carlos—Gabriella Neves, S. Carlos—Francisca Novas de Oliveira, Jaboticabal—Dr. Bernardino de Campos, Capital—Evangalina Novas, Jaboticabal—Agnes Soares, Capital—Cristina Porto, Capital—Mario Guimarães Conto, Capital—Luiza Pessanha de Camargo, Araruama—Maria Maria, S. Carlos—Queluz, Minas—Maria Luiza Guimarães, Carmo, E. do Rio—Candido Perez, S. Carlos—D. M. Silva, Cortiça—Judith Fachini, Capital—Mário P. Netto, Porto Alegre—Celia Lopes de Araujo, Porto Alegre, Rio G. do Sul—Adeleide Maw, Guapirã—Matilde Neme, Franca—Adriana Santos, Bauri—Dulce Hotelo Junqueira, Leopoldina, Minas—Adelina Prado, Itatinga—Marta Justina Marcondes, Parahyvana—Vicentini Silva, Passo Fundo, E. do Rio—Aurelio Rebelo, Capital—Daniel Duarte Diniz, Caico, Rio G. do Norte—Marta Conceição Mathias, Campinas—Sebastião Pinheiro, Campinas—Joquim Penteado, Estação de Pedreira—Noemia de Oliveira, Capital.

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

Do Sr. Francisco Cavilho Filho, de Bananeiras, Estado do Parahyba do Norte, escreve-nos fazendo algumas encomendas e assim conclue: "Conheci essa illustrada revista quando foi publicado o n. 10 e desde entao tenho sido assidua leitora, tornando-me sua assistente."

GENIOS?

Não; estudo e trabalho!



Não crua que o surpreendente exito dos Estados Unidos é devido a que os norte-americanos sejam genios extraordinarios, não; este resultado é devido unicamente a que elles, mais que ninguém, têm reconhecido a importancia vital da educação.

Existem nos Estados Unidos poderosas forças sociais que impellem o individuo para frente, que o impulsionam ao triumpho. Entre as mais activas destas forças se contam as Escolas Internacionais de Scranton, de ensino por correspondencia, que ha cerca de um quarto de seculo tem educado centenares de milhares de alumnos, guiando-os pelo caminho do exito.

Não deixe passar esta oportunidade, estude em nossas escolas. Não é necessário para isso que vá aos Estados Unidos, nem tão pouco que aprenda o Ingles para estudar nossos cursos técnicos. Não necessita sair de sua casa, visto que as Escolas lhe ensinarão aqui mesmo por correspondencia. Não é sequer necessário que interrompa ou abandone sua occupação actual, visto serem sufficientes os seus momentos vagos. A falta de conhecimentos previos não é tamponco um obstaculo para que comee qualquer dos nossos cursos. Nem si-

quer precisa ter muito dinheiro, porquanto pode pagar o seu curso em prestações muito modicas.

Decida-se, pois, sem perda de tempo, a aproveitar-se das oportunidades que lhe traz mesmo as portas de sua casa, a educação norte-americana. Sejam estas linhas a mensagem que lhe abra as portas de um brilhante futuro. Corte o coupon abaixo, encha-o e molo-o civic. As Escolas Internacionais de Scranton farão o resto. (Estes cursos são ensinados em hespanhol. As respostas dos alumnos, porém, são accellias em portuguez).

Veja o que homens ilustres, aqui mesmo da America do Sul, dizem acerca de nossas escolas. O Lente de Chínica Aplicada á Industria, da Universidade do Chile, que é tambem membro da American Chemical Society e da Société de Chemie-Physique de France, disse o seguinte:

Scranton, 5 Setembro 1912. Visitei as Escolas Internacionais e examinei muito minuciosamente cada departamento e estudei seus metodos de ensino por correspondencia. Creio que a adaptação deste systema aos paizes latino americanos será uma das forças sociais mais poderosas que contribuirão para o desenvolvimento economico e moral da America Latina. (Firmado) Belisario Dias Ossa.

O projecto Lente de Mathematicas da Escola Polytechnica de S. Paulo, dr. Carlos G. de Souza Shalders, que por todos os titulos é um dos mais notaveis engenheiros civis do Brazil, referindo-se aos nossos cursos de Electricidade, disse:

So tenho palavras as mais lisongeiras para recomendar a International Correspondence Schools. O curso é pratico, é consciencioso e é barattissimo. Espero que V. S. com o seu esforço intelligente consiga alargar immensamente o campo de acção de tão util instituição entre nós. (Firmado) E. G. S. Shalders

INTERNATIONAL CORRESPONDENCE SCHOOLS

(Escolas Internacionais) DE SCRANTON, PA., U. S. A. Caixa Postal 945 — SÃO PAULO, BRAZIL

Queiram enviar-me todos os dados referentes ao systema de C. S. para o ensino do curso em hespanhol N. 10. Encijos mais de 300 cursos em Ingles.

- 1 Topografia e desenho topografico
2 Meteorologia de Parahyba
3 Abundancia e Transmis Electricos
4 Abundancia Electricos
5 Dinamos e Motores
6 Distribuição Interior
7 Iluminação de Máquinas
8 Commercial Composto
9 Meteorologia e Topografia
10 Contabilidade
11 Manejo de las Instalaciones de Vapor y Electricas
12 Manejo de las Instalaciones de Vapor
13 Manejo de las Máquinas de Vapor
14 Motores Mitchell para el Manejo de los Fornos de alto
15 Idioma Ingles
16 Idioma Frances
N. 10. Estos cursos pueden ser respondidos en Portuguez

Nome
Rua e N.
Cidade
Estado

ESCRITORIOS NO BRAZIL SÃO PAULO RIO DE JANEIRO Rua Onze de Agosto, 9-A Avenida Rio Branco, 117 Caixa Postal 945 Caixa Postal 382

Castellões - Olga - Gioconda e Luiz XV são os melhores cigarros

CASA DOLIVAEZ (Fundada em 1880)

A Zavedo & C. proprietários da casa Dolivaez, concessionários das loterias do Estado de S. Paulo e sub-agentes das loterias Federais continuam a encargar-se de enviar aos cambistas do interior qualquer remessa de bilhetes destas duas loterias. Tem sempre a venda loterias com grande antecedência e atencião aos pedidos com a maxima promptidão.

Os pedidos de fora devem ser dirigidos a S. AZEVEDO & COMP. 10 — rua Diócleo, 10 — Caixa, 26 S. PAULO

Empresa Feminina
Brasileira
Alameda Gleite, 87
S. PAULO



(TRICALCICAS)

ANTES DO MAIS:

As pastilhas Americanas Tricalcicas do Dr. Malcolm não são uma panacea. Trata-se de um producto químico definido cujos elementos principais assim se compoem (Ph H O) Ca (Ph O) Ca adicionados de seivas vegetaes, estimulantes da função histologica e que lhe fornecem um outro elemento (Fe Cl K R O) vegetal e facilmente assimilavel, constituindo-se a forma global, além de principios aromaticos e fibrosos com (Ph H O) Ca (Ph O) Ca (Fe Cl K R O). É uma formula de calcificação intensa do organismo com absorção facilitada pela vehiculação das seivas vegetaes. Trata-se portanto de um medicamento de reaes resultados em todos os vicios da nutrição.

(RELATÓRIO DOS DRS. FOX E CHAMPBELL)

A cura tricalcica do Dr. Malcolm deve durar pelo menos dois mezes e por este motivo que as suas pastilhas são entregues ao publico em tubos de 50 ou 100, a que naturalmente lhes eleva um pouco o preço, mas em compensação faz-se a cura sem necessidade de estar repetindo os pedidos de medicamentos.

Ha outros preparados que custam aparentemente menos; são porém vendidos muito de industria em pequenos vidros, que obrigam o doente a repetir a despesa cada semana. Demais as Pastilhas Malcolm não são um producto commercial ao qual se sacrificam ás vezes certas exigencias de tecnica, para diminuir o preço. Trata-se de um producto medico, preparado com todo o escrupulo e que dá resultado.

Em todas as molestias de nutrição as nossas pastilhas deverão ser empregadas: Rachitismo, má dentição de creanças, pernas tortas (das creanças) quasi sempre devido á fraqueza dos ossos, escrophulas, lymphatismo etc.

Para o desenvolvimento dos seios as PASTILHAS MALCOLM são extraordinarias e temos em nosso poder centenas de attestados de senhoras que no cabo de dois mezes de tratamento tiveram resultado completo.

Muito uteis na convalescença das molestias debilitantes e para uso continuo das pessoas que se entregam a trabalhos cerebraes exhaercentes e que necessitam de phosporo, bem como, para á fraqueza de qualquer outro organo.

Durante o aleitamento as Pastilhas Malcolm são indispensaveis. Fornecem ao leite materno todos os elementos calcicos necessarios á formação do esqueleto da creança.

PREÇO: Tubo de 100 pastilhas . . . 20\$000
50 pastilhas . . . 11\$000
Em dúzias, para drogistas preços especiaes.

DOSE: PARA ADULTOS. Começar por duas pastilhas a cada refeição durante a primeira semana e augmentar em seguida para tres. Para casos simples taes como cansaço cerebral, fraqueza dos mezos e bastante metade da dose acima.
PARA CRIANÇAS. Uma pastilha cada refeição; augmentar para duas ao fim de uma semana. Para creança de menos de 4 annos começar por 1/2 pastilha e continuar por uma.

Pedidos á EMPR. FEMININA BRASILEIRA
Alameda Gleite No. 87 SÃO PAULO

S. P. Mfg. Druggs Co.